



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Bruno Miguel Ribeiro Xavier

E se eu (não) contar quem sou?

Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as perceções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas

Dissertação de Mestrado

Mestrado Integrado em Psicologia

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Nuno Santos Carneiro

Junho 2013

No mais fundo de ti,
eu sei que traí, mãe

Tudo porque já não sou
o retrato adormecido
no fundo dos teus olhos.

Tudo porque tu ignoras
que há leitos onde o frio não se demora
e noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que te digo
são duras, mãe,
e o nosso amor é infeliz.

Tudo porque perdi as rosas brancas
que apertava junto ao coração
no retrato da moldura.

Se soubesses como ainda amo as rosas,
talvez não enchesses as horas de pesadelos.

Mas tu esqueceste muita coisa;
esqueceste que as minhas pernas cresceram,
que todo o meu corpo cresceu,
e até o meu coração
ficou enorme, mãe!

Olha – queres ouvir-me? –
às vezes ainda sou o menino
que adormeceu nos teus olhos [...]

Mas — tu sabes — a noite é enorme,
e todo o meu corpo cresceu.
Eu saí da moldura,
dei às aves os meus olhos a beber,

Não me esqueci de nada, mãe.
Guardo a tua voz dentro de mim.
E deixo-te as rosas.

Boa noite. Eu vou com as aves.

Eugénio de Andrade, in "Os Amantes Sem Dinheiro"

Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução	8
<i>Os diferentes posicionamentos na interpretação das sexualidades e a emergência da psicologia afirmativa</i>	<i>9</i>
<i>O processo de coming out – a revelação de uma sexualidade não-normativa</i>	<i>10</i>
<i>Os diferentes modelos de desenvolvimento psicológico da identidade homossexual</i>	<i>11</i>
<i>A família no Revelar-se.....</i>	<i>13</i>
<i>O papel do pai na construção da identidade gay.....</i>	<i>15</i>
Estudo Empírico	16
1. Enquadramento	16
1.1. Objetivos do estudo	16
1.2. Questões de Investigação	17
2. Metodologia	18
2.1. Instrumentos	18
2.2. Procedimento	19
2.3. Análise dos dados	19
2.4. Participantes.....	22
2.4.1. Caracterização biográfica	22
2.4.2. Herança religiosa	22
2.4.3. Experiência associativa.....	23
3. Resultados e Discussão.....	24
3.1. <i>Temas ligados à experiência biográfica dos sujeitos.....</i>	<i>24</i>
3.1.1. <i>Uma imagem social de família religiosa.....</i>	<i>24</i>
3.1.2. <i>A ruralidade e o que não se conhece</i>	<i>25</i>
3.1.3. <i>A família compulsoriamente “normal”</i>	<i>27</i>
3.2. <i>Temas indutivamente emergentes</i>	<i>28</i>
3.2.1. <i>Recorrer ao psicólogo.....</i>	<i>28</i>
3.2.2. <i>Outras pessoas como mediadoras do processo de coming out</i>	<i>29</i>
3.3. <i>Temas dedutivamente emergentes</i>	<i>29</i>
3.3.1. <i>A rede de apoio extrafamiliar e o coming out à família.....</i>	<i>29</i>

3.3.1.1. <i>A quem conto?</i>	29
3.3.1.2. <i>“O nosso pequeno segredo” – não revelação aos outros</i>	30
3.3.1.3. <i>Momento certo para contar – independência/autonomia</i>	31
3.3.1.4. <i>O papel dos/as amigos/as</i>	33
3.3.2. <i>As dinâmicas familiares e o coming out com a família</i>	34
3.3.2.1. <i>Pai como figura “surpreendente”</i>	34
3.3.2.2. <i>Relação após coming out – proximidade ou distanciamento?</i>	36
3.3.3. <i>A rejeição na construção da identidade</i>	38
4. <i>Contar ou não contar? – Refletir abandonando os rótulos</i>	40
5. <i>Conclusões:</i>	42
<i>Referências</i>	45
<i>Apêndice 1</i>	50
<i>Apêndice 2</i>	53
<i>Apêndice 3</i>	55
<i>Apêndice 4</i>	57
<i>Apêndice 5</i>	58
<i>Apêndice 6</i>	59

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Nuno Santos Carneiro, cuja orientação, imensa paciência, disponibilidade, conhecimentos e apoio transmitidos durante todo o percurso foram fundamentais para ultrapassar as dificuldades e concretizar esta dissertação.

À Prof. Conceição Nogueira pelo auxílio e por ter despertado primeiro esta vontade de estudo e investimento comunitário.

À Rede ex-aequo, em particular ao grupo de Lisboa e Porto, pelo acolhimento e divulgação da palavra imprescindível no recrutamento.

Aos vários entrevistados pelo seu contributo através da partilha fulcral das suas vivências, receios e esperanças.

À Liliana Rodrigues pela simpatia e auxílio no recrutamento.

Aos meus pais pelo acompanhamento e afeto incondicionais, por terem permitido alcançar o que alcancei. À minha família que nas pequenas coisas me ajudou na jornada.

Às duas Andreias (Neia e Nita) por tudo: pela parceria, pela diversão (sobretudo por esta sempre que é possível), por complementarem grande parte da minha vida e por, nas suas diferenças, tornarem este meu percurso universitário muito mais interessante. Desta vez um especial agradecimento à Neia por me ajudar com a logística e a recuperação da “simetria”.

À Sofia e ao Nelson pelos jantares, pelo convívio, disposição e esclarecimentos.

À Maria por me ajudar a terminar a “quadratura do círculo” imposta.

À Diana - uma mana à maneira - pela animação, confiança, correspondência sempre que lhe peço e acompanhar parte destas aventuras.

À minha outra família, por ter ganho o significado que tem hoje, por ajudar-me a restabelecer o equilíbrio tantas vezes, por permitir este investimento e tornar tudo muito mais simples.

E se eu (não) contar quem sou?

Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas

Resumo

Este estudo explora as diferentes percepções de jovens homossexuais masculinos sobre a (im)possibilidade de revelar a orientação sexual ao pai, bem como as implicações que a (im)possível negociação tem na construção das suas identidades sexuais. Para isso utilizaram-se 8 entrevistas semi-estruturadas biográficas em profundidade, sendo os dados depois analisados pelo método de análise temática, segundo o paradigma construcionista social.

A partir dos discursos, descreveram-se três eixos de análise e temas. No primeiro, descreveram-se três fatores que dificultavam o *coming out*. No segundo, descreveu-se a importância das figuras externas como mediadoras no *coming out*: No terceiro, descreveu-se a importância da independência para fazer o *coming out*, da reação positiva do pai, da relação de proximidade com as figuras familiares antes/durante/após o processo de *coming out* e da percepção de rejeição na revelação para a construção identitária. Em conclusão, surgem algumas recomendações para a prática em psicologia clínica e para investigações futuras.

Palavras-chave: pai, jovens, *coming out*, sexualidades, identidades

And if I (do not) tell who I am?

Exploratory study on male homosexual youngsters about the perceptions of the (im)possibilities of the disclosure of their sexual orientation to the father: implications for the making of non-normative sexual identities

Abstract

This study explores the different perceptions male homosexual youngsters have about the (im)possibility of revealing their sexual orientation to their fathers, and the implications that the (im)possible negotiation has in the making of their sexual identity. We have conducted 8 semi-structured, biographic interviews. The data was analyzed with the thematic analysis method according to the social constructionist paradigm.

Three analysis axis and themes were generated from those interviews. Firstly, three factors that proved difficult to the coming out were described. Secondly, the importance of external figures as mediators for the coming out was outlined. Thirdly, it was described the importance of independence during the coming out, of the positive reaction by the father, of the proximity of family members before/during/after the coming out and, finally, the effect of rejection regarding the revelation in the construction of the subject's identity.

To conclude, some recommendations were made both for the practice in clinical psychology and for further investigations.

Keywords: father, youngsters, coming out, sexualities, identities

Introdução

Um dos temas mais investigados na literatura sobre gays e lésbicas desde os anos de 1970 é o da formação da identidade homossexual (Frazão & Rosário, 2008). Todavia, a homossexualidade carrega, ainda hoje, uma série de preconceitos, perpetuados muitas vezes pelas próprias investigações, pelo que continuar a aprofundar o conhecimento sobre esta realidade é fundamental (Savin-Williams, 2006, 2009).

O processo de coming out¹ é contemplado por um conjunto de modelos que procuram compreender o desenvolvimento psicológico das identidades sexuais não normativas. A evolução destes modelos relaciona-se com a integração das influências contextuais na construção destas identidades. Nessas influências é fulcral o papel da discriminação heteronormativa², enquanto barreira ao desenvolvimento afirmado das identidades não heterossexuais (Carneiro, 2009). Assim, o coming out à família, por vezes, apesar de benéfico, em algumas situações, pode não ser possível ou acarretar sérios custos para o indivíduo (Pérez-Sancho, 2005). Nesta (não) negociação com a família, o pai é frequentemente referido como figura relacional que apresenta dificuldades mais marcadas de aceitação da orientação sexual dos/as filhos/as do que a mãe (Costa, Oliveira & Nogueira, 2010).

A presente dissertação nasce, portanto, da necessidade de explorar e descrever aprofundadamente as perceções de sujeitos auto-denominados como “homossexuais” sobre as (im)possibilidades de revelação da homossexualidade à figura paterna, bem como as implicações desta (não) negociação na construção da sua identidade sexual.

¹ O termo coming out apresenta-se como uma figura de expressão que, na prática, se refere ao assumir da orientação sexual. É a versão reduzida da expressão original “coming out of the closet”, que pode ser traduzida em português como “sair do armário”. Apesar da tradução portuguesa, decidimos, tal como acontece na maioria dos estudos, manter o termo anglo-saxónico, por ser mais universal. Sempre que falarmos de coming out referimo-nos a um

² Por heterossexismo entende-se a crença de que a heterossexualidade é “superior” e/ou mais “natural” que outras orientações sexuais (Morin, 1977). Por heteronormatividade entende-se as “instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem com que a heterossexualidade pareça não apenas coerente – quer dizer, organizada como uma sexualidade –mas também privilegiada” (Berlant & Warner, 2000, cit in Roseuil, 2006, p. 36).

Os diferentes posicionamentos na interpretação das sexualidades e a emergência da psicologia afirmativa

Na investigação das sexualidades a literatura distingue duas modalidades de posicionamento face à conceptualização das sexualidades (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010): uma modalidade essencialista e uma modalidade construcionista social. Assim, influenciadas pelo modelo biomédico, as perspetivas essencialistas postulam a sexualidade como um atributo que os indivíduos têm e que devem reprimir, descobrir, negar ou assumir (Carneiro, 2009; Clarke, *et al.*, 2010); as perspetivas construcionistas sociais descrevem as sexualidades como resultado das relações e discursos que os sujeitos estabelecem num determinado contexto social, político e histórico (Nogueira, 2001a, 2001b; Oliveira, 2010).

Desde a década de 1970, e com auxílio do paradigma social construcionista, começa a tomar-se consciência de como as abordagens da psicologia ajuda(ra)m a manter a opressão das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) (Oliveira, 2010). Desta forma, a abordagem da psicologia afirmativa, desenvolvida sobretudo a partir da década de 1980, caracteriza-se por uma mudança do foco da psicologia, que passa de um olhar que descreve a diferença como patologia para uma análise dos efeitos psicológicos da discriminação social (Carneiro, 2009). Vários/as autores/as (e.g., Clarke, *et al.*, 2010; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2006, 2009; Yarhouse, 1998) mostraram que as teorias essencialistas e/ ou de pendor biologizante possuem uma série de problemas conceptuais e metodológicos e perpetuam a discriminação da população LGBT³.

Atualmente, é defendido que não será importante procurar a(s) causa(s) da homossexualidade (e.g., Naphy, 2006, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2006, 2009), devendo-se, em vez disso, enquadrar a homossexualidade na diversidade (sexual) humana e olhar-se para a variabilidade de significados subjetivos e coletivos que lhe são atribuídos e para o modo como o sujeito é ou não capaz de lidar com as adversidades culturais e sociais que recaem sobre as sexualidades ditas não-normativas⁴.

³ Savin-Williams (2006) expõe como os componentes utilizados em tais investigações, bem como a ausência de consenso das ciências psicológicas e da saúde sobre a definição de homossexualidade, enviesavam os resultados nas pesquisas sobre orientação sexual. Devido a estas limitações, os estudos conduziram a resultados diferentes sobre a prevalência da homossexualidade, a associações biológicas enviesadas sobre as causas da homossexualidade, a generalizações abusivas entre homossexualidade e saúde mental e à criação da crença de escolha na homossexualidade, levando à procura de terapias conversivas ou reparativas empiricamente não validadas.

⁴ Por sexualidades não-normativas entendam-se as expressões (política, emocional e social) de identidades sexuais que encontram desafios à integração socialmente não discriminatória.

O processo de coming out – a revelação de uma sexualidade não-normativa

O processo de *coming out* é de tal modo central no desenvolvimento das identidades sexuais não-normativas que a sua análise psicológica é frequentemente designada pela expressão de “modelos de *coming out*” (Carneiro, 2009; Savin-Williams, 2009). Todavia, nem sempre o *coming out* é possível, sendo o medo de reações negativas das pessoas a quem se revela o principal motivo para ocultar a identidade sexual não-normativa (Pérez-Sancho, 2005, Savin-Williams, 2001). A existência de um segredo sobre a identidade sexual do indivíduo pode levá-lo a experienciar situações de dissonância cognitiva que potenciam sentimentos de negação, de culpa, de vergonha e ilusão; um maior distanciamento e aumento da ansiedade nas relações familiares entre quem sabe e de quem se esconde; e face ao silêncio uma maior dificuldade das famílias em procurar saídas ou ajuda exterior (Pérez-Sancho, 2005). Contudo, tendo em conta as idades definidas por vários autores para o *coming out* – 19 a 21 anos (Garnets e Kimmel, 1993 *cit in* Pachankis & Goldfried, 2004) e cerca dos 16 anos (Herdt & Boxer, 1996 *cit in* Cianciotto & Cahill, 2003), muitas vezes são diferentes níveis de dependência da família, que levam estes adolescentes e jovens adultos a adiar ou não optar pelo *coming out* em benefício de uma “não revelação” (Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001).

Este processo de *coming out* tem sido definido de várias formas e deu origem a diferentes formulações teóricas e definições (e.g., Haneley-Hackenbruck, 1989; Monteflores e Schultz, 1978, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Plummer, 1996⁵). Entre essas definições encontra-se a de Markowe (1996, citado por Carneiro, 2009) que descreve o *coming out* como “um processo complexo e reformulante da consciência individual como gay ou lésbica que apela, simultânea e complementarmente, à possibilidade de o sujeito se perceber e definir como homossexual e de revelar a outrem a sua homossexualidade” (p. 153).

Ao considerarmos as diferentes definições percebe-se que o *coming out* encerra uma componente pessoal, integrada numa dimensão social mais vasta. Assim, enquanto o *coming out*, ao implicar reformulações das relações sociais, pode resultar em

⁵ É de salientar a revisão feita por Plummer (1996) de vários autores que estudaram o processo de *coming out*, na qual, este autor identifica três grandes significados principais associados ao processo de *coming out*. Um primeiro sentido (a sensibilização) diz respeito ao autorreconhecimento que os sujeitos fazem da sua própria sexualidade não-normativa e uma primeira perceção da existência de uma comunidade homossexual. Uma segunda aceção (a significação) reporta para o processo de atribuição de significado pessoal às experiências homossexuais pelo sujeito e a negociação da revelação em redes que possam ser homossexuais. Por último, um terceiro significado (o “coming out”), usado pelos movimentos da Frente de Libertação Gay, remete para a revelação da homossexualidade no mundo heterossexual, para a ideia de “going public”, que tem um significado coletivo e político.

processos mais relevantes e suportivos para o sujeito, pode ser ele também um dos mais fortes motivos de rejeição por parte das redes sociais de suporte, designadamente, a família e os amigos, bem como por outros contextos de vida, nomeadamente, no emprego ou na escola (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010; Oliveira, Pereira, Costa & Nogueira, 2010; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001; Venâncio, 2010).

Os diferentes modelos de desenvolvimento psicológico da identidade homossexual

Ao longo do tempo, surgiram vários modelos psicológicos explicativos do *coming out* (e.g., Cass, 1979; Coleman, 1982; Martin, 1991; Sophie, 1986, 1987). Estes, ainda que tenham por base pressupostos teóricos descritivos idênticos, apresentam algumas diferenças entre si. Essas diferenças advêm das diferentes realidades histórico-sócio-políticas em que os modelos se desenvolveram, nomeadamente, o estreito paralelismo com a história dos movimentos coletivos de afirmação da diferença sexual (Carneiro, 2009).

Apesar do esforço destes/as autores/as em proporcionar modelos mais integrativos, tais modelos têm sido alvo de críticas. Estas passam geralmente pela ideia de que estes modelos são demasiado rígidos, não dando uma visão da diversidade real dos percursos de gays e lésbicas (e.g., Frazão & Rosário, 2008; King & Noelle, 2004; Savin-Williams, 2009).

Em primeiro lugar, os modelos centram-se principalmente no percurso de homossexuais masculinos, sabendo-se que o processo de formação da identidade homossexual nas mulheres é menos linear e mais fluido (e.g., Diamond, 2000; Kitzinger & Wilkinson, 1995; Savin-Williams, 2009).

Em segundo lugar, a maioria dos modelos basearam-se na vivência de indivíduos brancos de classe média ou alta, esquecendo os percursos de pessoas pertencentes a minorias étnicas. Nestas comunidades a preservação dos valores familiares, religiosos e culturais é extremamente acentuada e a consolidação de uma identidade gay pode ser vista como uma traição desses valores fundamentais (e.g., Costa, Oliveira & Nogueira, 2010; Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2004, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2009).

Em terceiro lugar, os modelos desenvolvimentistas clássicos foram concebidos num contexto histórico em que o *coming out* era visto como o desfecho inevitável do

percurso de qualquer gay ou lésbica (Frazão & Rosário, 2008). Alguns estudos atuais (e.g., Savin-Williams, 2001; Savin-Williams, 2009) demonstram que os/as adolescentes recusam muitas vezes a ideia de *coming out*, uma vez que consideram que este rotula e restringe a sua sexualidade.

Por último, existem diferenças em função dos meios – rurais ou urbanos – em que as pessoas desenvolvem a sua identidade homossexual. Assim, nos contextos rurais pode ser difícil manter o anonimato e o respeito pela conduta e/ou relacionamentos de sujeitos homossexuais. Da mesma forma, nestes meios há um menor possibilidade de acesso a associações de defesa dos direitos da comunidade LGBT (e.g., Carneiro, 2009; D`Augelli, 2003; Savin-Williams, 2001).

De forma a colmatar estas lacunas, outros/as autores/as (e.g., McCarn & Fassinger, 1996⁶; Ritter & Tendrup, 2002) têm procurado construir modelos mais integrativos. Deste modo, Ritter e Tendrup (2002) propuseram um modelo síntese das grandes linhas dos modelos de *coming out* existentes até à atualidade. Foi este o modelo de desenvolvimento psicológico da identidade homossexual escolhido para esta dissertação. Assim, segundo estes autores, é possível identificar três grandes fases comuns aos vários modelos de *coming out*: Sensibilização; Tolerância; e Integração.

A fase de **Sensibilização** caracteriza-se por uma sensação de diferença e marginalização em relação aos pares do mesmo sexo (principalmente nos rapazes pré-adolescentes), muitas vezes devido à não identificação com os papéis de género socialmente estipulados. Esta situação é principalmente marcante na adolescência, levando a várias estratégias defensivas, nomeadamente a rejeição da própria orientação sexual e a adoção de posturas homofóbicas, pensar que se trata apenas de uma fase e apontando situações contextuais (e não a orientação sexual) como causas do comportamento homossexual (Ritter & Tendrup, 2002).

Na fase de **Tolerância**, os indivíduos podem não revelar a sua identidade, mas envolvem-se em processos de camuflagem da identidade homossexual, também

⁶ Deve-se notar no modelo de Fassinger e McCarn (1996), o contributo destes autores para a compreensão do desenvolvimento psicológico da identidade sexual no processo de *coming out*. Neste sentido, foram estes os primeiros autores a sugerir um modelo de fases (fase da consciência, fase da exploração, fase do aprofundamento ou compromisso e fase da internalização ou síntese) em vez de estádios desenvolvimentais para explicar o processo de *coming out*, procurando desse modo traduzir de uma melhor forma a fluidez e subjetividade deste processo em cada indivíduo. Do mesmo modo, distinguiam dois pólos (individual e grupal) interligados mas não obrigatoriamente simultâneos de desenvolvimento da identidade, inter cruzados com as fases de desenvolvimento. Esta separação em dois ramos, permitiu distinguir a participação social da participação associativa, ou seja, a primeira não implica obrigatoriamente a última. Isto é, um self interno consistente pode desenvolver-se sem que haja forçosamente *coming out* e ativismo, sendo o *coming out* considerado somente uma oportunidade que o contexto pode permitir ou inibir. Com isto, estes autores salientavam a tónica que a experiência de discriminação e a disponibilidade de recursos comunitários sentidas pelo sujeito têm na formação da identidade homossexual.

conhecida como *passing* (fazer-se passar por não homossexual e/ ou por heterossexual). É comum a manutenção de uma identidade heterossexual perante a família e amigos, ao mesmo tempo que existe um contacto com a comunidade homossexual para preencher necessidades sexuais, emocionais e sociais. Quando este contacto é recompensador, começa a surgir uma vontade de reduzir a dissonância provocada por uma vida dupla. Em consequência, emerge o orgulho na identidade e uma maior procura de relações íntimas com pessoas do mesmo sexo. Muitas vezes, surge também uma sobreidentificação com a identidade homossexual e um desafio a indivíduos heterossexuais, nomeadamente com manifestações de afirmação da sua identidade, nomeadamente manifestações afetivas, comportamentais e discursivas (Ritter & Tendrup, 2002).

Finalmente, na fase de **Integração**, a identidade gay é integrada noutros aspetos da identidade, há a consciencialização de que é apenas uma das suas muitas características pessoais, uma parte de si (Ritter & Tendrup, 2002).

Apesar da controvérsia sobre os benefícios do processo de *coming out* para o indivíduo, é inegável que muitos sujeitos sentem que não conseguem manter a sua identidade (sexual) em segredo e que necessitam de a partilhar com as pessoas mais significativas (Carneiro, 2009). Além disto, a grande maioria dos estudos clínicos defende que o *coming out* cria um sentimento de liberdade e honestidade no indivíduo e nas relações interpessoais que ele estabelece, nomeadamente com a família de origem (e.g., Frazão & Rosário, 2008; LaSala, 2000; Pachankis & Goldfried, 2004; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001).

A família no Revelar-se

Independentemente da sua orientação sexual, a família é frequentemente postulada como importante para o indivíduo, uma vez que lhe fornece “um suporte físico e emocional, conectando-o com o seu passado e proporcionando-lhe um contexto com o qual ele aprende sobre o mundo” (Hancock, 1995, *cit in* Savin-Williams, 2001, p 24.). Neste sentido, o estabelecimento de relações positivas dos indivíduos com a sua família permite ao indivíduo, que faz o *coming out*, preservar o seu senso de integridade, viver de acordo com o que considera ser verdadeiro para o seu self e honesto para com os outros, bem como expressar a sua identidade sexual (Borhek, 1988, *cit in* Savin-Williams, 2001; Goldfried & Goldfried, 2001).

Contudo, a escolha de assumir-se ou não, não é de todo fácil de fazer, pelo que a revelação à família pode ser uma das mais difíceis resoluções do indivíduo, na medida em que a aceitação da homossexualidade do/a filho/a, por parte dos pais, implica uma reorganização na família, resultando muitas vezes numa crise familiar (Carneiro & Menezes, 2006; Frazão & Rosário, 2008; D'Augelli, 1991, *cit in* Savin-Williams, 2001).

As famílias tipicamente reagem mal no início, existindo muitas vezes reações de rejeição emocional, violência verbal ou física e mesmo expulsão de casa (Frazão & Rosário, 2008). Alguns estudos (e.g., D'Augelli, 1998; Remafeldi, 1983, *cit in* Frazão & Rosário, 2008) mostram que as taxas de rejeição dos pais perante a revelação da orientação sexual dos filhos variam entre os 20 e os 50%.

Estas reações assumem uma especial importância se estivermos a falar de um *coming out* na adolescência, em que o/a jovem pode ficar numa situação de grande desproteção e vulnerabilidade. Apesar de todos estes fatores, sabe-se também que algumas famílias, após a crise inicial, acabam por tornar-se mais aceitantes (e.g., Cianciotto & Cahill, 2003; Pachankis & Goldfried, 2004; Savin-Williams, 2001).

Alguns autores (e.g., Pachankis & Goldfried, 2004; Savin-Williams, 2001) sugerem que a reação das famílias à revelação da homossexualidade dos filhos pode ser equiparada ao modelo de estádios do luto de Kubler-Ross (1969, *cit in* Savin-Williams, 2001): negação; raiva; culpa; aceitação; e esperança.

Nas fases iniciais, é também muito comum que as famílias tentem encontrar razões para o/a filho/a ser gay ou lésbica, formulando explicações onde culpabilizam uma pessoa ou acontecimentos da infância. Associado a estas ideias, surge nos pais um sentimento de vergonha que passa pelo receio de que a sociedade considere que a homossexualidade do/a seu filho/a seja fruto de uma parentalidade inadequada. São também frequentes sentimentos de perda em relação à idealização de um futuro heterossexual para o/a filho/a que passaria, por exemplo, pelo casamento e pela parentalidade (e.g., Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010; Frazão & Rosário, 2008; LaSala, 2000; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001). Muitas vezes, existe um afastamento emocional entre os pais e filhos/as motivado pela dissonância que os pais sentem entre as mensagens homofóbicas que interiorizaram da sociedade e o seu amor pelos/as filhos/as (Saltzburg, 2004).

As reações negativas dos pais baseiam-se também num conjunto de medos em relação aos filhos/as, nomeadamente que estes/as os excluam da sua vida quando vivenciarem o mundo gay, que sejam excluídos da congregação religiosa, que se

envolvam em atividades promíscuas, que contraíam o HIV ou que não encontrem um parceiro com quem possam estabelecer uma relação duradoura (e.g., Cianciotto & Cahill, 2003; Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010; Frazão & Rosário, 2008; Saltzburg, 2004).

O papel do pai na construção da identidade gay

A decisão do indivíduo sobre quando e com quem partilha a sua identidade sexual no interior da família apresenta-se como uma questão bastante complexa (Gluth & Kiselica, 1994; Gramling, Carr & McCain, 2000, *cit in* Frazão & Rosário, 2008). Sabe-se que a revelação da identidade sexual aos familiares tende a seguir um padrão: primeiro é revelada aos/às irmãos/ãs; mais tarde, às mães; e, por último, aos pais (Savin-Williams, 2001) A literatura justifica esta ordem, com a figura paterna em último, devido à crença dos filhos de que o pai venha a ser uma figura mais difícil e menos suportiva que os amigos, irmãos ou mãe (e.g., D’Augelli & Hershberger, 1993; Herdt & Boxer, 1993, *cit in* Savin-Williams, 2001). Apesar disto, não é totalmente exato que a reação do pai seja mais negativa que a da mãe: alguns estudos (e.g., Ben-Ari, 1995, *cit in* Savin-Williams, 2001) revelam que de facto os pais tendem a reagir inicialmente mais com negação e rejeição da orientação sexual do filho do que as mães, mas tendem a reagir menos com raiva e culpa do que as mães e com uma igual tendência a reagir com vergonha e afirmação de que conheciam previamente a orientação sexual do filho.

Em Portugal, a investigação vai de encontro à hipótese de uma reação pior ou mais dificultada da figura paterna. Assim, alguns estudos revelam relações de maior afinidade dos participantes com a mãe do que com o pai, descrevendo-o “como uma figura castradora, conservadora, pouco flexível e/ou demasiado crítica” e com “uma menor abertura do que a mãe” (e.g., Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010, p.215; Oliveira, *et al.*, 2010). Numa amostra com 400 sujeitos homossexuais portugueses, apenas 32% (128 sujeitos) tinham revelado a orientação sexual ao pai, uma percentagem menor mesmo do que a encontrada para os colegas de trabalho (43%) (Carneiro, 2009). Neste sentido, é seguro afirmar que em certos casos a figura paterna pode exacerbar as dificuldades do filho na revelação e construção de uma identidade sexual diferente da heteronorma (Costa, Oliveira, & Nogueira, 2010).

Estudo Empírico

1. Enquadramento

A investigação sobre a população LGBT portuguesa é numericamente inferior à do panorama internacional, sendo marcada por uma quase inexistência de estudos sobre a revelação da orientação homossexual dos filhos à figura paterna. O nosso estudo, de cariz exploratório e qualitativo, pretende ajudar a preencher esta lacuna na investigação nacional, onde apenas foi encontrado um estudo quantitativo análogo (Oliveira, 2012) à data da apresentação desta dissertação. A abordagem qualitativa pretende, assim, contribuir de forma inovadora para a investigação através da escuta de vozes sobre a (im)possibilidade de negociação da sexualidade não-normativa com o pai e dos processos de (re)construção da identidade sexual.

1.1. Objetivos do estudo

Os objetivos de estudo são seguidamente apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. *Objetivos do Estudo*

<u>Objetivos Gerais</u>	<u>Objetivos Específicos</u>
1. Obter uma breve descrição da forma como os processos de <i>coming out</i> são vivenciados pelos participantes do estudo	_____
2. Realizar uma análise comparativa das relações interpessoais amplamente consideradas (estabelecidas com a família, os/as amigos/as e/ou outras pessoas) em função de ter sido ou não feito o <i>coming out</i> das orientações sexuais por parte dos participantes do estudo	i) analisar as razões para revelar ou não revelar a orientação sexual aos amigos e à família, em particular à figura paterna; ii) analisar em que medida a antecipação das reações dos amigos e da família, em particular do pai, corresponderam às verificadas após a revelação (no caso de ter ocorrido);

	<p>iii) analisar a relação entre amigos/as e os participantes, a família e os participantes e especificamente o pai e o participante pós-<i>coming out</i>, explorando os fatores que poderão ter contribuído para a mudança/manutenção/evolução de cada relação.</p>
<p>3. Analisar a influência da figura paterna no processo de <i>coming out</i> do filho</p>	<p>iv) explorar as percepções dos participantes sobre a influência que o pai tem/teve na construção do seu self e/ou da sua identidade (sexual)</p>

1.2. Questões de Investigação ⁷

Tendo em conta revisão da literatura apresentada ao longo da parte I e os objetivos apresentados, elaboraram-se as seguintes questões de investigação orientadoras desta dissertação:

Questão de Investigação 1 (Qi1) - Qual a percepção dos filhos homossexuais sobre a dinâmica relacional que estabelecem com os familiares, em particular com o pai?

Questão de Investigação 2 (Qi2) - Qual a percepção dos filhos homossexuais sobre o processo de (não) negociação da sua orientação sexual com os familiares?

Questão de Investigação 3 (Qi3) - Qual a percepção dos filhos homossexuais sobre a rede de apoio extrafamiliar (amigos e rede ex-aequo⁸)?

Questão de Investigação 4 (Qi4) - Qual a percepção dos filhos homossexuais do papel da negociação/não negociação da sua orientação sexual com a família, em particular com o pai, na construção da sua identidade sexual?

⁷ Apesar das questões de investigação serem formuladas deste modo, a análise dos dados não segue linearmente esta formulação, dando-se respostas a cada uma destas questões, com recurso a um enriquecimento semântico com base nos discursos dos sujeitos.

⁸ A rede ex-aequo é uma associação nacional de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgénero e simpatizantes entre os 16 e os 30 anos com o intuito de trabalhar em prol da juventude LGBT em Portugal. Possui uma série de grupos locais por todo o país. Para esta investigação, contactou-se o grupo local do Porto e de Lisboa no sentido do recrutamento de sujeitos para aplicar as entrevistas semi-estruturadas. Para mais informações pode-se consultar, *vd.* www.rea.pt

2. Metodologia

2.1. Instrumentos

A entrevista autobiográfica em profundidade tem sido apontada por vários autores como um dos instrumentos mais adequados para explorar a experiência subjetiva individual (e.g., Fielden, Sillence & Little, 2011; Silver, Reavey & Fineberg, 2010), bem como um meio de reinterpretação dessa mesma experiência pelo participante ao funcionar como catarse reparadora (e.g., Lack, Noddings & Hewlett, 2011; Malik & Coulson, 2008; Tierney & Fox, 2010). Assim, no nosso estudo usamos, como instrumentos, dois guiões de entrevista semiestruturados: um guião para os sujeitos que fizeram (ver Apêndice 1) e um guião para os sujeitos que não fizeram *coming out* à figura paterna (ver Apêndice 2). Cada entrevista está subdividida em quatro partes essenciais. A primeira parte remete para o consentimento informado (ver Apêndice 3). Na segunda parte, são recolhidos alguns dados que permitem uma caracterização biográfica dos sujeitos em diferentes dimensões de vida, a saber: a idade, uma caracterização básica das redes familiares (irmãos, idades dos irmãos, idades dos pais, ocupação profissional dos pais) e de outras redes de apoio dos sujeitos, a herança religiosa (i.e., indagação sobre a influência da religiosidade dos pais pode ou não ter sobre os participantes) e uma breve caracterização da sua experiência associativa. Numa terceira parte estão os itens do guião de entrevista correspondentes às questões de investigação (ver Apêndice 4).

Por fim, numa última parte da entrevista, foram incluídos dois itens (41 e 42 ou 38 e 39) que pretendem avaliar a perceção dos sujeitos sobre a experiência de entrevista. Em alguns casos, nestes dois itens conseguiu-se obter, a partir do discurso dos sujeitos, elementos que se prendiam com as questões de investigação, pelo que foram posteriormente usados na análise dessas mesmas questões. Aproveitamos desde já também para fazer notar que, com estas questões, foi possível perceber que, do ponto de vista metodológico e ético, houve um feedback positivo por parte dos participantes sobre a entrevista. Assim, de um modo geral, os participantes consideraram a entrevista uma boa experiência, bem estruturada e pertinente, que proporcionou um espaço confortável e não constrangedor de partilha.

“Senti-me totalmente à vontade [...] Considero as perguntas adequadas [...] a entrevista foi confortável, não foi um ambiente constrangedor nem de monotonia ao falar sobre o assunto.” (Ivo)

“ [...] Foi interessante, porque além de ser um tema diferente foi bem abordado. As questões estão bem estruturadas. Isto é quase um diálogo. Senti-me completamente confortável.” (Filipe)

2.2. Procedimento

No processo de seleção, salienta-se o recurso à técnica de *snowball* (bola de neve), ou seja, através das sugestões de alguns dos entrevistados sobre possíveis candidatos de entrevista. A solicitação das entrevistas foi feita através do fórum da rede ex-aequo, e via correio eletrónico, pessoal ou profissional, cedido pelos participantes que acordaram participar no estudo na sequência do processo de *snowball*.

Assim, realizaram-se 8 entrevistas biográficas em profundidade (4 sujeitos que fizeram e 4 sujeitos que não fizeram *coming out* à figura paterna), orientadas pelos guiões anteriormente apresentados. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou recorrendo ao *software skype* (somente em 3 entrevistas se utilizou este recurso devido à distância geográfica). As entrevistas presenciais decorreram em salas vazias da Universidade do Minho, de modo a obter um espaço silencioso, seguro em termos de preservação do anonimato dos participantes e sem interrupções e de forma a possibilitar a gravação em formato áudio. Quando realizadas via *skype*, as entrevistas foram gravadas através do *software* de gravação de áudio *messenger plus*. Em ambos os casos, foi pedido aos participantes autorização para efetuar a gravação, aquando da entrega do consentimento informado, respeitando a deontologia necessária à investigação.

2.3. Análise dos dados

Vários autores (e.g., Lack, Noddings & Hewlett, 2011; Malik & Coulson, 2008; Tierney, Fox & Fox, 2010) consideram a análise temática como o método mais adequado e enriquecedor de descrição do espectro e diversidade da experiência subjetiva. Assim, os dados recolhidos com as nossas entrevistas foram analisados através do método de análise temática descrito por Braun e Clarke (2006). Estes autores definem a análise temática como um método qualitativo que permite identificar, analisar e relatar

padrões (temas), a partir dos próprios dados. Desta forma, trata-se de uma análise que partindo dos dados procura formar mapas temáticos, que traduzam os significados subjetivos e os discursos que os diferentes participantes partilham.

Ao não estar obrigatoriamente ligada a uma corrente teórica pré-existente, a análise temática pode ser usada de forma ampla e transversal (Braun & Clarke, 2006). Todavia, neste estudo adotamos um paradigma construcionista social, sendo este que guiará a nossa análise dos dados, examinando as formas pelas quais eventos, realidades, significados e experiências são efeitos de um tipo de discurso que opera na sociedade (Fereday & Muir-Cochrane, 2006; Fielden, Sillence & Little, 2011).

Seguindo as recomendações de Braun e Clarke (2006), a análise dos dados do nosso estudo seguiu os seis passos aconselhados para uma boa análise temática, a saber: i) familiarização com os dados; ii) início da codificação; iii) procura de temas; iv) revisão dos temas; v) definição e nomeação dos temas; vi) produção do relatório.

Deste modo, numa primeira fase (familiarização com os dados) um dos investigadores fez a transcrição dos dados de todas as entrevistas, para isso foi necessário ouvir repetidamente as gravações e ler e reler várias vezes os dados à medida que eram transcritos. Estas repetições de escuta e leitura tinham por objetivo a imersão nos dados e aprofundar a proximidade dos investigadores com esses mesmos dados (Braun & Clarke, 2006). Durante este processo de transcrição, é fundamental a anotação de pontos-chave (comentários importantes individuais ou compartilhados por diferentes participantes) que decorram do texto (Fielden, Sillence & Little, 2011). Salientamos que neste estudo não pretendíamos uma simples análise do conteúdo, mas sim uma análise temática, por isso, no mesmo sentido que é referido por Fereday e Muir-Cochrane (2006), “um único comentário podia ser considerado tão importante como aqueles que eram repetidos por vários grupos” (p. 6). Após esta fase inicial e com base nas notas e ideias geradas da transcrição e da imersão nos dados passou-se à fase da codificação. Isto é, o investigador procurou codificar as diferentes características de interesse dos dados que fossem pertinentes para as questões de investigação (Fielden, Sillence & Little, 2011). Esses códigos correspondiam a significados independentes (conteúdo semântico ou latente) dos dados que traduzissem o fenómeno narrado no texto (Braun & Clarke, 2006). Na terceira etapa (procura de temas), procurou-se organizar os códigos relacionando-os em temas maiores. Para isso, recorreu-se à proposta de Braun e Clarke (2006) de construir esquemas temáticos que agrupassem os diferentes códigos. Neste processo, alguns códigos permitiram elaborar temas, outros vários subtemas, enquanto

outros, por não encaixarem neste esquema temático inicial, foram descartados provisoriamente, sendo reanalisados na etapa seguinte. Assim, na fase seguinte (revisão dos temas) procurou-se refinar o conjunto de temas iniciais. Para isso, procurou-se respeitar sempre a homogeneidade interna e heterogeneidade externa, ou seja, as categorias deviam ser coerentes no seu significado conjunto mas serem claras as distinções entre cada uma delas (Braun & Clarke, 2006). Deste modo, nesta quarta etapa cada tema teria de ser analisado em dois níveis diferentes como sugerem Braun e Clarke (2006) e Fielden, Sillence e Little (2011). Assim sendo, num primeiro nível, procuraram-se excertos do texto para cada tema, verificando se formavam um padrão coerente suficiente para constituir-se como tema no esquema temático. Se não fosse suficiente, o tema foi descartado ou reformulado de modo a constituir um/vários novo/s tema/s ou de modo a ser incluído noutra tema mais adequado pré-existente no esquema. Num segundo nível, após reler todas as transcrições das entrevistas, verificou-se se cada categoria do esquema temático traduzia os significados dos dados recolhidos no texto. Do mesmo modo, qualquer nova informação obtida desta releitura foi codificada e reorganizada nos temas do esquema. No mesmo sentido, os códigos descartados provisoriamente na terceira etapa da análise temática foram submetidos a estes dois níveis de exame da quarta etapa, para confirmar se o esquema temático incluía toda a informação das entrevistas transcritas.

Numa quinta etapa (definição e nomeação de temas), procurou-se refinar os nomes dos temas do esquema como propõem Braun e Clarke (2006) e Fielden, Sillence e Little (2011). Ou seja, reformulou-se cada tema para que, mais do que uma simples transcrição do que dizem os dados, recolhesse a essência dos dados no contexto dos objetivos do estudo. Por fim, na última fase (produção do relatório), de acordo com Fielden, Sillence e Little (2011), procurou-se corroborar os temas com excertos do texto. Para isso escolheram-se os melhores exemplos que identificassem claramente o assunto do tema e que fossem a melhor tradução do que o tema incluía.

No sentido de assegurar a validade da análise temática recorreu-se ao acordo inter-observadores como sugerido noutros estudos que utilizaram o mesmo método de análise dos dados (e.g., Fereday & Muir-Cochrane, 2006; Lack, Noddings & Hewlett, 2011; Silver, Reavey & Fineberg, 2010; Tierney, Fox & Fox, 2010). Assim, o segundo investigador, que, nos últimos anos tem desenvolvido estudos sobre o tema e contactado com associações de suporte à população LGBT, verificou e validou os resultados da análise temática.

2.4. Participantes

2.4.1. Caracterização biográfica

A amostra (ver Apêndice 5) é constituída por 4 participantes que fizeram e 4 participantes que não fizeram *coming out* à figura paterna, com idades entre os 17 e os 22 anos. Destes participantes, à exceção de um sujeito questionante⁹, todos se definiram como “homossexuais”.

A idade das mães varia entre os 38 e 47 anos e a dos pais varia entre os 41 e os 54 anos. Relativamente à classificação da região de residência, 4 sujeitos dizem viver numa região rural, 3 numa região urbana e 1 numa região urbano-rural.

2.4.2. Herança religiosa

No que diz respeito à religião dos pais, a maior parte dos participantes descreveu os pais como católicos, exceto um participante que descreveu o pai como agnóstico e outro que descreveu o pai como ateu. De entre os participantes que descreveram os pais como católicos, dois descreveram os pais como católicos não praticantes, quatro descreveram-nos como católicos praticantes e um referiu somente a mãe como católica praticante.

Quanto à religião dos próprios participantes, três descreveram-se como ateus, três como agnósticos e dois como católicos, sendo que um se descreveu como católico praticante e outro como católico não praticante.

Todos os participantes apontaram a sua crença religiosa como uma decisão autónoma, ou seja, algo que definiram ao longo do seu desenvolvimento, independentemente dos pais.

“ [...] quando era mais novo, assim como os meus pais são religiosos por terem sido educados assim e nunca terem estudado essa questão, eu também era religioso. [...] entretanto quando comecei a questionar-me sobre o assunto tomei outra posição.” (Ivo)

⁹ De acordo com a literatura (e.g., Thomas & Larrabe, 2002), entende-se por “Questionante” a pessoa que não se auto-define e/ou adjetiva a sua identidade sexual.

2.4.3. Experiência associativa

Sobre o significado/importância da participação da rede ex aequo para os entrevistados (ver Apêndice 6), somente um dos participantes que contactou com a rede ex aequo referiu não ter obtido qualquer benefício desse contato. Os restantes entrevistados, que contactaram com a rede ex aequo, descrevem-na como um primeiro meio de contato com outras pessoas com realidades semelhantes às suas, colhendo, assim, mais conhecimento e outras perspectivas sobre essa realidade comum. Salientam, porém, no seu caso, a diminuição da importância da rede ex aequo ou a mudança do significado desta continuidade na rede ex aequo na atualidade.

“ [...] não conhecia outras pessoas LGBT com quem eu me pudesse identificar num meio tão pequeno. Então acabei por vir, acho que foi a duas reuniões da rede ex-aequo, e acho que o que eu queria na altura era perceber que existiam outras pessoas.” (Francisco)

“ [...] Inicialmente era uma maneira de entrar em contato com pessoas em situações semelhantes à minha [...] senti necessidade de procurar um sítio onde pudesse estar em contato com pessoas que sentissem o mesmo que eu. [...] Agora, sinceramente utilizo mais o fórum como uma forma de me sentir atualizado sobre determinados assuntos [...]” (Ivo)

Quanto à influência que a passagem pela rede ex-aequo podia ter tido na sua orientação sexual, todos os entrevistados que contactaram com a rede ex aequo referiram não ter alterado as suas auto-definições de orientação sexual. Do mesmo modo, os participantes que não contactaram com nenhuma associação de defesa dos direitos LGBT referiram não esperar uma alteração da sua orientação sexual caso contactassem. Refletindo sobre isto, é de salientar que muitos dos sujeitos, em que há um ausente ou muito reduzido contato, vão manifestando que pelo seu percurso desenvolvimental não sabem o que com esse contato poderiam obter, pelo que não é previsível uma mudança da sua definição de orientação sexual. Remetendo para o modelo de Ritter e Tendrup (2002), os participantes parecem enquadrar-se pelo menos na fase de **Tolerância**, em que começa a surgir a vontade de diminuir a dissonância de uma vida dupla, o orgulho na identidade gay e uma sobreidentificação das identidades homossexuais (implícito na forma como se prendem à sua autodefinição).

“ [...] Pela minha maneira de ser, a minha orientação sexual nunca mudaria apenas por frequentar ou não uma associação como essa. Sempre soube o que queria e não há nada que me faça mudar o que sinto ou desejo.” (Hugo)

Do mesmo modo, parecem estar a caminhar para uma fase de **Integração** o que é patente nestes primeiros envoltimentos associativos, nesta fase identitária, de consolidação da identidade, de combaterem a solidão, procurando estar com os outros.

3. Resultados e Discussão

Para a análise temática das entrevistas, os dados discursivos foram organizados em três eixos de análise (um bloco de análise e temas ligados à experiência biográfica dos sujeitos, um bloco de análise e temas indutivos e um bloco de análise e temas dedutivos), que integram os diferentes (sub-)temas. Cada eixo será apresentado seguidamente, acompanhado de excertos elucidativos dos vários (sub-)temas e os resultados serão discutidos ao longo da sua apresentação.

3.1. Temas ligados à experiência biográfica dos sujeitos

Tal como noutros estudos que usaram a análise temática (e.g: Lack, Noddings & Hewlett, 2011), elaboramos um bloco de temas reportados pelos participantes como fatores contextuais que tinham influenciado a sua experiência de (não) *coming out* ao pai. Salienta-se, sobretudo, o caráter condicionador destes fatores na (im)possibilidade de negociar uma orientação não heterossexual com os pais.

3.1.1. Uma imagem social de família religiosa

A maioria dos participantes descreve os pais como religiosos e católicos, apontando-os como a principal influência nesta afiliação religiosa.

Contudo, o testemunho de muitos participantes atesta que, para os pais, a imagem social de uma família religiosa e praticante torna-se mais importante que a própria crença religiosa.

“Se lhes perguntarem eles dizem que são crentes, celebram as datas religiosas como o Natal e Páscoa, mas é uma obrigação mais face à sociedade do que propriamente face à religião.” (Ivo)

“[sou religioso] da mesma forma que os meus pais, participando em todas as atividades ligadas à igreja e para que se mantenha uma suposta aparência religiosa.” (Filipe)

Estes dados vão ao encontro da forte necessidade de preservação dos valores familiares, religiosos e culturais na população latina, descrita por vários autores (e.g., D’Augelli, 2003; Grov, Bimbi, Nanín & Parsons, 2006; Savin-Williams, 2009). Esta afirmação da identidade étnica e religiosa acaba muitas por eclipsar o desenvolvimento da identidade sexual. Em particular, numa sociedade maioritariamente católica como a portuguesa, o catolicismo tem não só sido base dos modelos morais de conduta social bem como da construção das obrigações jurídicas, em detrimento da homossexualidade (Santos & Fontes, 2001). Salienta-se, portanto, o papel desta representação social religiosa como um fator que dificulta e restringe o processo de *coming out*, enquanto possibilidade de aceitação parental de uma sexualidade não-normativa do filho.

“[...] É que não deixa de ser irónico, acho que evidencia qualquer coisa, o facto do meu pai que é agnóstico ter aceiteado tão bem e a minha mãe por ser católica não ter. Acho que a religião jogou aí nesse caso. [...]” (Francisco)

3.1.2. A ruralidade e o que não se conhece

Da comparação das entrevistas, consegue-se ver a influência do meio rural na (não) revelação da orientação sexual dos participantes às pessoas significativas. Assim, o número de pessoas a quem se conta é menor nos entrevistados que vivem num meio rural do que os que vivem num meio urbano. Deste modo, entre os que vivem num meio rural, a maioria contou somente aos pais (grupo que fez *coming out*) e um participante somente aos amigos (no grupo que não fez *coming out*). Do mesmo modo, vários participantes referem que a possibilidade de contato com outras pessoas LGBT e a participação associativa são menores neste “meio mais rural”. O testemunho de dois participantes ilustra bem estas realidades:

“[aos amigos] Não contei por uma razão - o meio onde eu vivo é realmente um meio muito pequeno. [...] é um meio mais rural. [...]” (Martin)

“[fui à associação] porque eu ainda estava numa fase em que precisava de uma rede de apoio. Na altura [...] vivia [...] numa região assim de campo. E então eu não me identificava. Não conhecia outras pessoas LGBT com quem eu me pudesse identificar num meio tão pequeno.”
(Francisco)

A par deste pouco contato dos participantes com outras pessoas LGBT, também o pouco contato dos pais com essa realidade bloqueava as possibilidades de *coming out*. O relato deste participante que optou por não revelar ao pai ilustra isso mesmo:

“[não contei ao meu pai porque] Ele sempre teve uma mentalidade muito antiquada e continua a ter. [...] Para o meu pai é como se ainda vivêssemos em 1970, a mentalidade é a mesma, não evolui. [não acredito que aceite] por causa disso: pela educação que teve, as pessoas com quem se dava, que tinham a mesma mentalidade dele e que ainda continuam a ter... [...]” (José)

Neste contexto destaca-se o papel dos *media*, especificamente a televisão, frequentemente único meio de difusão de uma realidade LGBT, ainda que incompleta ou deturpada, como refere este participante:

“[...] ela se calhar nunca lidou com isto, só ouviu aqui ou ali, ou só o que ouviu na televisão, nem sabia bem o que isso era. [...]” (Martin)

Estes resultados vão no sentido dos encontrados na literatura (e.g., Carneiro, 2009; D`Augelli, 2003; Savin-Williams, 2001). Assim, os meios rurais implicam uma maior exposição e vigilância, bem como menos recursos informativos e de socialização, dificultando o processo de *coming out* (Carneiro, 2009). Do mesmo modo, a mensagem transmitida pelos *media*, é amiúde perpetuadora de estereótipos e preconceitos (Costa, Oliveira & Nogueira, 2010).

Neste contexto, descobre-se o valor das associações LGBT, enquanto espaços de apoio, de combate ao isolamento e à discriminação e facilitadores da integração identitária (D`Augelli, 2003; Rede ex aequo, 2012). Por essa razão, é também evidente a necessidade de colaboração estreita entre profissionais da psicologia e as pessoas das associações LGBT, na medida em que as associações podem oferecer recursos que melhoram a eficácia da intervenção psicológica e vice-versa (Carneiro, 2009).

3.1.3. *A família compulsoriamente “normal”*

Outro aspeto biográfico limitador da revelação foi o modelo heterossexista de família que os pais tinham e esperavam dos filhos. Uma grande parte dos participantes aponta esta expectativa parental como um dos principais motivos para o total desconhecimento da orientação sexual do filho e para o choque inicial no momento da revelação.

“[...] vai ser um choque para ele. Porque os meus pais têm uma visão, uma idealização de um filho que pode não corresponder à realidade deles. [...] A formação dele foi uma em que, no que respeita à família, um homem é para casar com uma mulher. [...]” (Filipe)

“[...] nunca disse que era heterossexual, as pessoas é que depreendem à partida que eu sou heterossexual, devido à sociedade heteronormativa. [...] o “coming out” é nós rompermos com essa preconceção de que tudo é heterossexual, de que todos são heterossexuais.” (Francisco)

“[...] quando nasce um filho, os pais esperam sempre alguma coisa desse filho. [...] que tenha uma família, que tenha mulher... [...] Quando nós quebramos isso [...] esse plano já não se aplica. [...] é por isso que muitas vezes eles não se apercebem e é tão complicado eles aceitarem.” (Rodrigo)

Esta idealização de um futuro heterossexual para o/a filho/a, por parte dos pais, é comum e tem sido apontada como a principal responsável pelos sentimentos de desapontamento e perda que os pais apresentam com a revelação, nos anteriores estudos (e.g., Costa, *et al.*, 2010; Costa, Oliveira & Nogueira, 2010; LaSala, 2000; Rede ex aequo, 2012; Savin-Williams, 2001). No estudo de Rossi (2010), 62% dos participantes relata exatamente esta desilusão dos pais por os filhos poderem não vir a cumprir acontecimentos desenvolvimentais normativos como casar ou dar-lhes netos. A mesma autora indica que é o receio das reações negativas parentais, ao destruir as expectativas heteronormativas deles, o principal opositor ao *coming out*.

Assim, de forma a assegurar o estabelecimento de relações mais suportivas entre pais-filhos/as no *coming out*, consideramos, como menciona Carneiro (2009), que é importante explorar e incluir na intervenção psicológica as representações culturais dos pais sobre a construção familiar. Do mesmo modo, tem-se revelado apropriada a psicoeducação dos pais pelo fornecimento de informação LGBT adequada e o contato

com outros pais com experiências semelhantes. Estes pais podem servir, assim, de mentores na modelagem das expectativas normativas parentais (Saltzburg, 2004).

Em suma, vários autores (e.g., Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2011) mostraram que diferentes fatores sócio-contextuais influenciam o sucesso da adaptação psicológica dos jovens LGBT. Os nossos dados vão de encontro a isto, ou seja, apesar dos diferentes percursos desenvolvimentais, os entrevistados relataram vários fatores sócio-contextuais comuns que dificultaram e/ou ainda dificultam o seu processo de *coming out*. Neste sentido, na intervenção psicológica afirmativa revela-se importante não só considerar o tempo desenvolvimental de construção da identidade sexual, mas também os constrangimentos ou oportunidades que o contexto espacial, no qual essa identidade é construída, coloca à significação da não heterossexualidade (Carneiro, 2009).

3.2. Temas indutivamente emergentes

3.2.1. Recorrer ao psicólogo

Muitos participantes referem o psicólogo como figura à qual os pais indicam/recorrem frequentemente para auxiliar os filhos, como forma de gerir/compreender a situação.

“[...] os meus pais, inicialmente, queriam levar-me a um psicólogo. É sempre aquela coisa, os pais acham sempre que o problema é do filho [...]” (Ivo)

Pérez-Sancho (2005) aponta este recurso à psicologia, pelos pais, como uma forma frequente de obter informação e auxílio na gestão da crise familiar e de possível sintomatologia depressiva ou ansiogénica decorrente. Contudo, a mesma autora salienta que se esta procura de apoio nos profissionais da psicologia é comum nos pais, nos filhos/as é mais frequente a busca de suporte nas associações LGBT, entre quem tenha experiências semelhantes, recorrendo ao psicólogo somente em quadros psicopatológicos. Reforça-se novamente aqui, então, a importância da cooperação entre psicologia e associações LGBT.

Este tema específico do recurso ao psicólogo para os pais tem uma forte ligação com o tema seguinte sobre as outras pessoas, que não são os pais, como mediadoras.

3.2.2. *Outras pessoas como mediadoras do processo de coming out*

Um outro aspeto merecedor de atenção diz respeito às outras pessoas que os entrevistados consideram como família e que descrevem como sendo determinantes no processo de aceitação ou possível aceitação da orientação sexual do filho pelo pai.

“É assim, eu não acredito na sorte. Eu sei que há situações muito mais difíceis que a minha e eu sei que a minha situação foi muito facilitada. Primeiro pelo facto de ter uma pessoa que sempre me apoiou, que é a namorada do meu pai. Deve ser muito difícil aos filhos de pais divorciados encontrarem nos parceiros dos pais pessoas com quem se deem tão bem como aconteceu no meu caso. [...] Como tinha dito, nós já nos conhecíamos e temos uma relação muito boa. Eu acho que essa relação muito boa com um adulto e com uma pessoa preocupada e que pensa sobre as questões, como é a namorada do meu pai, foi muito importante. Foi importante ter uma pessoa assim ao meu lado. [...]” (Ivo)

Ao nível da prática da psicologia, tendo em conta os nossos resultados, é também importante ter em atenção as figuras externas que os sujeitos consideram como família e sua proximidade com as figuras parentais, como forma de possibilitar uma mediação e obtenção de respostas positivas neste processo de negociação da orientação sexual com a família.

3.3. *Temas dedutivamente emergentes*

3.3.1. *A rede de apoio extrafamiliar e o coming out à família*

3.3.1.1. *A quem conto?*

Quando decidem partilhar a sua orientação sexual com os outros, a maioria dos participantes seguiu uma ordem semelhante à apontada pela literatura (e.g., Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001). Assim, primeiro revelaram aos amigos, depois à figura familiar mais próxima que não seja um dos pais, nomeadamente uma prima ou a irmã mais velha, e, por fim, quando são eles a preparar a revelação, preferiram contar ao

pai e à mãe ao mesmo tempo. Quando não foi possível esta revelação simultânea, contaram primeiro à mãe e tentaram rapidamente contar ao pai.

“[as pessoas que sabem] Fui eu que lhes contei, tanto aos meus amigos como a esse familiar [...] É uma prima.” (Filipe)

“ [...] Houve um dia, tinha cerca de 16 anos, antes de sair para a escola, estava sozinho em casa com a minha mãe, [...] então lembrei-me de lhe contar. [...] decidi que quando contasse a um, logo que pudesse contaria ao outro também e então passado uma semana contei ao meu pai.” (Ivo)

No seguimento destes resultados, do mesmo modo que Carneiro (2009), sublinhamos o auxílio que os irmãos podem proporcionar na atuação profissional psicológica. Pois que, quando existe um suporte ativo dos irmãos, este não só pode enriquecer as relações de fratria como também colaborar numa melhor gestão familiar da negociação e aceitação da orientação sexual.

3.3.1.2. “O nosso pequeno segredo” – não revelação aos outros

Todos os participantes que fizeram *coming out* à figura paterna referem a sugestão incutida, por ambos ou um dos pais, de não revelarem a sua orientação sexual aos irmãos e/ou, em alguns casos, a outras pessoas na família nuclear ou fora do núcleo familiar. Alguns participantes dizem compreender esta necessidade face a algumas figuras significativas, no entanto, a maioria discorda no que concerne aos irmãos ou ao pai/mãe.

“[...a minha mãe disse-me] Para eu ficar caladinho. Tanto que eles pediram para eu não dizer nada ao meu irmão e à minha irmã. Uma decisão inicial que eu quero alterar brevemente. Não faz sentido nenhum. [...] Para ela é um bocado tabu, é o nosso pequeno segredo. Tenho pena disso.” (Francisco)

“[...ao meu irmão] Os meus pais não queriam que lhe contasse. Tanto eu como a namorada do meu pai achávamos que seria bom para ele [...] e, embora a nossa relação seja um bocado difícil às vezes, nós gostamos muito um do outro. As nossas diferenças não nos fazem gostar menos um do outro [...]” (Ivo)

Esta situação é consonante com o que é apontado por vários autores (e.g., Goldfried & Goldfried, 2001; Pérez-Sancho, 2005) sobre a ocultação da identidade sexual não-normativa no seio familiar. Como refere Pérez-Sancho (2005), estes pactos de silêncio são muitas vezes o *coping* primário que as famílias encontram face ao *coming out*. Contudo, se por um lado surgem muitas vezes como forma de proteção de um membro ou da dinâmica familiar, por outro dificultam o processo de luto da heterossexualidade. Neste sentido, a manutenção deste segredo dificulta o processo de aceitação da homossexualidade do/a filho/a, promovendo os silêncios, a negação, o distanciamento e a não comunicação nas relações familiares.

Deteta-se assim, a importância da avaliação e intervenção, durante a prática da psicologia, nas possíveis situações de dissonância experienciadas pelos indivíduos que fazem *coming out*. Esta intervenção profissional poderá incidir em vários níveis do funcionamento familiar, considerados níveis-chave (Pérez-Sancho, 2005), a saber: na comunicação familiar, nas estratégias de resolução de conflitos, nas regras familiares, na gestão dos rituais familiares e na gestão dos segredos familiares.

Um outro aspeto relevante a mencionar é a transferência do “armário simbólico” para os pais, como descreve Pérez-Sancho (2005). Quando, ao revelarem, os/as filhos/as saem, com o pacto de silêncio entram os pais nesse “armário”, distanciando-se nas relações familiares com quem não sabe e, ao mesmo tempo, partilhando com o/a filho/a o estigma de uma sociedade heterossexista.

As associações LGBT desempenham assim um papel indispensável no suporte a estes familiares. Através do encorajamento do envolvimento destes nas causas LGBT, permitem-lhes fazer *coming out* de um/uma filho/a homossexual para si mesmos e afirmarem-se, promovendo a mudança do estigma social, tal como expõem Goldfried e Goldfried (2001). Do mesmo modo, as associações permitem, como já foi dito, o contato com outros pais de LGBTs, podendo, assim, partilhar a angústia que o segredo lhes acarreta e desmistificar algumas das suas crenças heterossexistas (Goldfried & Goldfried, 2001).

3.3.1.3. *Momento certo para contar – independência/autonomia*

A maioria dos entrevistados que não fez *coming out* à figura paterna refere a intenção de o fazer, mas somente quando obtiverem autonomia e independência financeira. Tal como é referido por este participante:

“[...] Eu penso um dia contar-lhes sim. Mas quando tiver a minha licenciatura feita. Quando tiver trabalho, tiver a minha autonomia completa. Aí, seja qual for a reação deles, já não me influencia em nada.” (Filipe)

Este adiamento da negociação da orientação sexual devido a diferentes níveis de dependência da família vai de encontro ao que foi apresentado por vários autores (e.g., D’Augelli, 1998; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001). Assim, como relembra D’Augelli, (1998), as mudanças físicas, emocionais e sexuais que ocorrem na adolescência, aquando da individuação, ao desenvolverem-se no contexto familiar e de pares, colocam o/a filho/a que faz *coming out* numa situação de vulnerabilidade. Neste processo de individuação, de afastamento dos padrões infantis e progressiva diferenciação, a família deveria fornecer estabilidade e suporte enquanto os pares deveriam desenvolver e fortalecer. Contudo, como recorda Pérez-Sancho (2005), a tomada da consciência homossexual desenvolve-se muitas vezes num contexto familiar e de pares de silêncio, de medo de serem descobertos/as, de escassez de modelos homossexuais positivos de referencia e de predominante homofobia. Por isso, antes de revelarem, principalmente ao pai, muitos jovens optam por esperar por um maior nível de autonomia e relações com os pares mais positivas, nomeadamente uma relação afetiva homossexual.

Neste processo de negociação é fulcral o desenvolvimento da capacidade de diferenciação (Bowen, 1978) do individuo, ou seja, a aptidão que ele possui de pensar objetivamente, distinguindo o pensamento das emoções. Pois, como refere LaSala (2000), um bom nível de diferenciação permite-lhe negociar objetivamente a sua orientação sexual com a família, conseguindo ser íntimo e simultaneamente autónomo tanto com a família como com o/a parceiro/a, enquanto num mau nível as emoções toldam esse processo de negociação. Neste sentido, na prática da psicologia, nas negociações da orientação sexual não normativa com os pais, consideramos pertinente acentuar que se procure desenvolver a capacidade de diferenciação no filho/a que pretende revelar. Isto poderá passar, como menciona LaSala (2000), pela psicoeducação da família sobre homossexualidade, sobre as reações iniciais e processo de luto na adaptação parental à homossexualidade do/a filho/a; pelas sessões iniciais em separado dos pais e filho/a para permitir a ventilação emocional e os contatos não reativos entre eles; e pela prescrição de uma distância planeada e contatos breves entre pais e filho/a

nas fases iniciais após a revelação, no sentido da adaptação através de um espaço individual para cada um trabalhar a nova informação.

3.3.1.4. *O papel dos/as amigos/as*

A decisão de contar primeiro aos amigos advém da expectativa de uma melhor reação e fornecimento de suporte a quem revela, como vimos na revisão teórica (e.g., Savin-Williams, 2001, 2009). De fato, muitos participantes referem esta expectativa e esta percepção de apoio por parte dos/as amigos/as, traduzindo-se posteriormente numa maior confiança e resiliência nas subseqüentes negociações da orientação sexual com outros significativos, nomeadamente com os familiares.

*“[...] todo o processo de ir contando às pessoas e o facto de irem dizendo que não havia problema acaba por nos mostrar que não há problema, tornando-nos mais confiantes.”
(Rodrigo)*

Ainda que, como se disse, o suporte parental seja de enorme importância para uma melhor integração pessoal da identidade sexual, a aceitação pelos amigos sobrepõe-se na adolescência ao contexto familiar. Por esta razão, alguns autores (e.g., Pérez-Sancho, 2005; Weston, 1991) reportam-se aos amigos dos adolescentes não heterossexuais como “famílias alternativas”. Estas famílias alternativas seriam então compostas de poucos membros e muito íntimos, nomeadamente o/a parceiro/a, amigos/as mais próximos/as ou a família do/a parceiro/a quando se é aceite por esta. As pessoas que as compõem desempenhariam várias funções, designadamente o fornecimento de apoio e estabilidade emocional, afeto, comunicação e confiança dos problemas e assuntos que não possam ser partilhados com a família de origem. Desta forma, quanto pior a relação com a família de origem maior importância os indivíduos tendem a atribuir à “família alternativa”, pois mais necessária esta se entende.

Assim, como relembra Carneiro (2009), com os amigos torna-se possível ser-se mais genuíno, dar continuidade à experiência e ser fiel aos seus valores e escolhas, bem como, que o indivíduo se reconstrua rumo a uma maior complexidade, integração e não discriminada aceitação da sua identidade (sexual).

Todavia, se por um lado a revelação aos/as amigos/as pode aumentar a capacidade de superar as dificuldades, por outro, quando as reações se mostram piores do que o esperado, pode inibir os processos subsequentes de revelação, como referem alguns participantes.

“[...] Porque eu na altura queria dizer a todas as pessoas que me eram próximas, a todos os meus amigos. Eu acho que o facto da minha mãe ter dito aquilo e a minha amiga, que não é da geração da minha mãe, que não é católica e que é uma pessoa próxima de mim, não me ter dado o apoio que eu esperava na altura, isso retraiu-me completamente para que eu não partilhasse isso com mais nenhum amigo [...]” (Francisco)

Este testemunho ilustra bem, o que disse Moretti e Holland (2003, *cit in* Rossi, 2010), como a rejeição dos/as amigos/as e a perda da amizade pode ser um evento particularmente stressor, tendo em conta a relevância que a relação com os pares e o tempo passado com eles tem nos adolescentes e jovens adultos. Neste sentido, do mesmo modo que as relações sociais positivas associam-se a um melhor ajustamento psicológico e uma maior integração da identidade sexual, as relações sociais negativas estão associadas a um maior distress e menor auto-estima, bem como um menor ajustamento psicológico e integração da identidade sexual (Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2011).

3.3.2. As dinâmicas familiares e o coming out com a família

3.3.2.1. Pai como figura “surpreendente”

De acordo, com a revisão teórica, inclusive a investigação portuguesa (e.g., Costa, Oliveira & Nogueira, 2010; Oliveira, *et al.*, 2010), esperava-se uma reação paterna mais adversa do que materna no processo de *coming out* dos entrevistados. Todavia, no momento do *coming out*, o pai revelou uma reação mais positiva e suportiva do que a mãe na maioria dos participantes.

“Os meus pais reagiram de forma diferente. Primeiro eu contei à minha mãe [...] foi completamente apanhada de surpresa e depois disso começou a chorar. Foi uma conversa um bocado complicada. Demoramos muito tempo a falar e durante toda a conversa ela perguntou-

me «se eu tinha a certeza» e que «eu poderia mudar, para não me convencer já», ou seja, «para eu não me convencer já de nada», «para manter a mente aberta». Isto enquanto chorava. [...] Mas a minha mãe reagiu mal nos primeiros dias, vinha ter comigo a chorar para conversar. Não sei. Talvez a tentar mudar-me, levar-me a mudar de ideias. [...] Quando contei ao meu pai, [...] a reação dele foi boa. Foi muito boa, compreendeu totalmente, aceitou. Foi apanhado de surpresa na mesma, porque não estava à espera. Assim como a minha mãe, o principal choque dele foi o facto de não estar à espera. Mas disse-me que me apoiaria em tudo o que precisasse, que isso não mudava nada na nossa relação. [...] Foi uma situação inicialmente difícil tanto para um como para outro, apesar da reação do meu pai ser muito melhor [...]" (Ivo)

"[...] «- Francisco, posso fazer-te uma pergunta pessoal?» E aí eu percebi logo que ele ia perguntar se eu era gay. [...] E ele com um ar muito severo perguntou-me se eu era homossexual. Nós estávamos sozinhos em casa e eu disse-lhe que sim. Depois expliquei o que é que eu sentia, desde quando é que eu sentia... Estivemos a falar cerca de duas a três horas. Mas foi uma conversa muito tranquila, muito honesta, muito aberta e depois ele deu-me um abraço... aí senti-me muito bem. Em relação à minha mãe, foi 3 meses depois [...] «- Mãe, preciso de dizer uma coisa. Sou gay.» E a minha mãe deu-me a mão e disse-me que gostava muito de mim e depois estivemos a falar durante uma hora ou assim. [...] E a minha mãe, apesar de ter dito no início que gostava de mim, depois disse-me três coisas que me marcaram um bocado. A primeira foi para eu não ser promíscuo. Que é logo uma coisa boa para se começar. A segunda foi para eu ter cuidado para não apanhar doenças. Porque, como toda a gente sabe, as doenças só se apanham nas relações homossexuais. A terceira coisa que ela me disse e que mais me chocou foi para eu não fazer bandeira da coisa. [...] A sensação que eu fiquei foi que ela até me deixa ser gay, até me autoriza, até me concede esse ponto, mas para eu ser discreto. Não vão as amigas saber ou comentar. [...]" (Francisco)

Estes testemunhos demonstram claramente a conflito interno vivido pelos pais, no momento da revelação da orientação sexual do/a filho/a. Como dizia Pietrantoni (1998), se por um lado está o amor ao/a filho/a que prevalece sobre tudo o resto, onde a família apoia e privilegia os sentimentos positivos face às amarguras e conflitos pessoais, por outro lado está a convencionalidade social, onde a família dá prioridade à conformidade com as regras sociais e a respeitabilidade do núcleo familiar em detrimento da relação com o familiar homossexual. Ainda que a superação deste conflito implique uma difícil reestruturação cognitiva e emocional que envolve todos os elementos da família, frequentemente existe o relato da percepção de uma reação inicial melhor, de maior suporte e aceitação por parte da mãe (e.g., Carneiro, 2009; Rossi, 2010), em comparação com o pai. Todavia, recordamos o mérito, referido

anteriormente, das figuras externas, que mediaram o *coming out* com a família em alguns casos, permitindo uma reação paterna melhor do que a esperada.

Estes resultados parecem ir de encontro aos encontrados por Savin-Williams e Ream (2003), onde as reações dos pais *ao coming out* não variavam com o sexo do progenitor ou do filho, sendo, em média, suportivas ou ligeiramente negativas.

Esta melhor reação da figura paterna ia contra as expectativas dos próprios entrevistados que fizeram *coming out* ao pai, sendo este um ponto comum entre o grupo de entrevistados que fez *coming out* à figura paterna e o grupo que não fez *coming out*. Ou seja, a maioria dos participantes tem (no caso dos que não revelaram) e tinha (no caso dos que revelaram) uma expectativa de uma reação negativa do pai.

“Com o meu pai [...] foi uma reação bastante natural. Aliás, achei aquilo uma reação demasiado natural para ele, porque achei que ele ia reagir de uma maneira completamente oposta [...] Ao contar-lhe cheguei a confronta-lo: «-Uma das razões porque eu tinha mais receio de te contar era porque achava que podias não aceitar bem. Eu lembro-me de uma vez, quando eu era pequeno, teres dito que se tivesses uma amiga lésbica não falavas com ela.» [...]” (Rodrigo)

De facto, ainda que usualmente se espere uma reação mais positiva da mãe do que do pai, os filhos frequentemente esperam reações tanto do pai como da mãe, face à revelação, piores do que aquelas que realmente ocorrem (e.g., Rossi, 2010; Savin-Williams & Ream, 2003). Isto deve-se, como contam Savin-Williams e Ream (2003), ao facto dos estereótipos, desenvolvidos pelas histórias dos *media* sobre reações negativas dos pais de jovens em situações de risco, servirem de base na construção das suas expectativas desproporcionadas sobre o que poderá vir a ser a reação dos seus próprios pais ao revelarem.

3.3.2.2. *Relação após coming out – proximidade ou distanciamento?*

Apesar das descrições não serem exaustivas em alguns casos, foi possível obter relatos da relação de cada participante com o seu pai e com a sua mãe e de que modo ela evoluiu ou esperam que evolua com o *coming out*. Procuramos sintetizar estas perceções dos participantes na Tabela 5, apresentada em seguida.

Tabela 5. *Percepções dos Participantes da Relação Estabelecida com a Mãe e com o Pai antes e após o “Coming out”*

Fez <i>coming out</i> à figura paterna?	Participantes	Percepções dos Participantes				
		Proximidade da Relação (antes do <i>coming out</i>)		Como ficou a relação com ambos (pai e mãe) após <i>coming out</i>	Proximidade da Relação (depois do <i>coming out</i>)	
		Mãe	Pai		Mãe	Pai
Sim	Martin	maior	menor	igual	maior	menor
	Ivo	menor	maior	igual	menor	maior (“fortaleceu”)
	Francisco	maior	menor	diferente	menor	maior
	Rodrigo	(faleceu)	menor	igual	(faleceu)	maior
				Expetativa da relação com ambos (pai e mãe) após <i>coming out</i>	Expetativa sobre Proximidade da Relação (depois do <i>coming out</i>)	
					Mãe	Pai
Não	Tiago	Sem descrição	menor	igual	Sem descrição	menor
	Filipe	menor	maior	igual/diferente	menor (pior/corte da relação)	menor (exceto se avó facilitar através da mediação)
	José	maior	menor	igual	maior	menor
	Hugo	Sem descrição	Sem descrição	igual	Sem descrição	Sem descrição

Deste modo, através da análise dos resultados, é possível ver que a maioria dos participantes manteve/espera manter a relação de maior ou menor proximidade que tem com o pai e com a mãe. Realça-se também o facto de que os participantes que não fizeram *coming out*, independentemente de serem mais próximos ou afastados do pai atualmente, esperarem um maior distanciamento após o *coming out*. Por seu lado, quem fez *coming out*, apenas relata um maior distanciamento nas situações em que anteriormente já existia uma relação distanciada do pai, pois nas situações em que o *coming out* é descrito como uma negociação positiva, descrevem a relação como saindo fortalecida e com uma maior proximidade da figura paterna.

Neste sentido, através dos dados vemos que não só o modo como o *coming out* aos pais decorre é importante nas relações estabelecidas após este, como também a

qualidade da relação e dos afetos existentes antes influencia em muito o tipo de relação estabelecida depois com o filho. Neste sentido, tal como referem Frazão e Rosário (2008), mostra-se indispensável na prática da psicologia avaliar, nas suas várias dimensões, o estilo relacional destas famílias, pois é este que definirá o processo de negociação e a relação estabelecida após o *coming out*. Do mesmo modo, como expõem Carneiro (2009) e Pietrantonio (1998), não pode ser descurada a necessidade do envolvimento ativo dos pais na intervenção psicológica, uma vez que a aceitação da família desempenha um importante papel de suporte, de validação do/a filho/a e de proteção da discriminação social.

3.3.3. A rejeição na construção da identidade

Relativamente ao impacto da (im)possibilidade de negociação da orientação sexual com os pais no processo de construção identitário, destaca-se o significado que um certo número de participantes atribui às dificuldades neste processo de *coming out*, nomeadamente a perceção de rejeição por parte mãe.

“[...] Acho que as pessoas esperam um bocadinho amor incondicional dos pais e eu não sinto isso por parte da minha mãe... Eu sinto que a minha mãe tem vergonha de mim por causa disso. Eu nunca lhe dei outras razões para ter vergonha de mim... [...] A pessoa quando se assume perante a sociedade de certo modo está-se a testar e a testar a maior parte das pessoas, principalmente quando se assume, por exemplo, à família e não recebe o apoio, o respeito e a estima dos outros. Há inúmeras pessoas que ao se assumirem não sentem o amor da família, não sentem a estima dos outros, não sentem o respeito pela sociedade e nessa situação há duas opções: ou a pessoa pira de vez e entra em depressão... ou acaba por ser ela mesma a fornecer o amor e a estima que não encontra nos outros. O amor que a família não lhe dá ela cria com amor-próprio e a estima que os amigos não lhe dão ela cria com auto estima e o respeito que às vezes a sociedade não lhe dá ela cria com auto respeito. [...]” (Francisco)

Isto vai de encontro ao mencionado por Oliveira (2012), sobre a atitude rejeitante da mãe perante a orientação sexual dos/as filhos/as influenciar gravemente o equilíbrio psicossocial destes, uma vez que os filhos/as geralmente esperam e preparam-se melhor para uma rejeição paterna do que materna.

Além disso, as relações sociais negativas, nomeadamente a perceção de rejeição, estão associadas a um menor ajustamento psicológico e menor integração da identidade, como foi referido anteriormente (e.g., Pereira & Leal, 2005; Rosario, Schrimshaw &

Hunter, 2011). Todavia, a integração da identidade tem demonstrado ter um maior impacto no ajustamento psicológico do que as relações sociais, ou seja, as relações sociais podem afetar a integração da identidade mas não determina-la obrigatoriamente, pelo que uma melhor integração da identidade, mesmo perante situações de rejeição, pode estar associada a um maior ajustamento psicológico (Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2011).

No nosso estudo, nota-se também as atitudes compensatórias por parte dos filhos que percecionaram/esperam dificuldades de negociação da orientação sexual com a família. Assim, ao perspetivarem ou ao não obterem de facto o apoio esperado e que precisam pela família, referem uma compensação deste pelo envolvimento em atividades em que eles mesmos forneçam suporte a outros em situações semelhantes à sua.

“[...] Como não temos apoio, não temos ninguém a quem nos apegar [...] não sabemos lidar bem com as coisas. É muito complicado. [...] Porque só quem passa pelo mesmo é que percebe o que custa sentir na pele a discriminação. [...] Então eu comecei a dar apoio a quem precisava em vez de ser ao contrário. [...] ... com o tempo acabei por ir buscar às pessoas o que me faltava para me completar. [...] ... comecei com a atitude de dar apoio a quem estava na mesma situação e precisava. Este apoio fui eu que criei, porque foi a única forma que encontrei de aceitar. [...]” (Filipe)

“[...] eu, felizmente, acho que já não estou numa altura que possa beneficiar com o apoio proporcionado pela rede ex aequo. Mas acho que devo contribuir e ajudar tal como eles me ajudaram. [...] ... tentar fazer voluntariado e um bocadinho de ativismo e poder ajudar jovens que estão onde eu já passei.” (Francisco)

Um aspeto que está presente nos vários testemunhos e que consideramos importante salientar é a capacidade de resiliência destes jovens. Contrariamente à imagem que muitos estudos vão construindo do adolescente homossexual, como uma pessoa débil, potencialmente mais suicida e mais indefesa face ao mundo atribulado e violento, muitos destes jovens tornam-se, em vez disso, pessoas resilientes, que acumularam e integraram capacidades e estratégias para enfrentar a adversidade e conseguir bons resultados, assim como expõe Savin-Williams (2009). Não pretendemos com isto desvalorizar o impacto que a discriminação e rejeição têm nos jovens,

pretendemos sim que se evite a perigosa interpretação de que a homossexualidade desenvolve grupos de risco ou menos saudáveis que a heterossexualidade. Relembramos, tal como Savin-Williams (2009) que o fator de risco não é a atração pelo mesmo sexo, mas sim as pressões sociais e psíquicas que coexistem com o jovem e que o levam a identificar-se como gay, lésbica ou bissexual.

Da mesma forma, pretendemos frisar que, na prática da psicologia, se tenham em conta não só os fatores de risco, mas também os fatores protetores e competências de cada indivíduo e o modo como, na intervenção, estas podem favorecer uma melhor adaptação.

4. Contar ou não contar? – Refletir abandonando os rótulos

Como fomos vendo, a decisão de revelar a orientação não heterossexual pode ser benéfica ou desvantajosa dependendo de vários fatores, nomeadamente os contextos sociais e espaciais, os momentos, os significados atribuídos e obviamente o indivíduo em causa e as suas experiências. Apesar das dificuldades, a maior parte dos participantes do nosso estudo considera o *coming out* importante, principalmente como forma de aceitação pessoal da sua identidade sexual, mas também como revelação desta identidade aos pais. Desta forma, muitos participantes referem a revelação da orientação sexual aos pais como um modo de se sentirem livres e honestos, por oposição à “angústia” e ao “sufoco”.

“[...] Há pessoas que acham que devem contar tudo aos pais e há outras que acham que não devem contar nada. Eu acho que devo contar o suficiente para ter uma relação saudável com eles, ou seja, as pessoas têm a sua privacidade, não têm de contar tudo aos pais, mas acho que esta é uma questão que faz sentido contar. Como nós vivemos muito tempo com eles, faz sentido eles saberem da nossa orientação sexual para, por exemplo, trazer alguém aqui a casa e não ter de lhes mentir. Se eles souberem e aceitaram, é muito mais fácil. Ou, por exemplo, às vezes quando os pais querem conversar com os filhos sobre sexualidade. Se eles pensam que eu sou hetero e eu sou homo, estaremos a conversar sobre coisas diferentes, sendo que eu sei a verdadeira realidade e eles não. Para todos termos uma relação saudável, acho que faz sentido contarmos aos pais. [...]” (Ivo)

Os participantes do grupo que fez *coming out* salientam também a importância deste, no seu caso, como forma de poderem apresentar um namorado aos pais e, mais amplamente, como forma da sociedade consciencializar-se da diferença.

“[...] Para a pessoa é importante para lhe dar estabilidade psicológica, também por uma questão de sermos honestos connosco próprios e com os outros. Claro que varia dependendo das circunstâncias, [...] ... exige uma imensa força interior, uma determinação e uma autoconfiança muito grande. Por isso, apesar de ser um passo que custa à maior parte das pessoas, a longo prazo, isso confere-lhe um sentimento muito recompensador. [...] também em termos sociais, considero o coming out importante porque é um sinal de aviso à sociedade de que não somos todos iguais, não somos todos heterossexuais. Acho também que quanto mais gays, lésbicas, bissexuais, transgénero... houver, quanto maior visibilidade houver para este tipo de pessoas maior será a aceitação e menor será o preconceito. [...] para as pessoas que não são LGBT perceberem que há pessoas LGBT. [...]” (Francisco)

Neste sentido, enfatizamos as vantagens que o *coming out* apresenta, sem com isto procurar fixar qualquer tipo de trajetória desenvolvimental, mas antes promover a reflexão em cada caso e uma conseqüente tomada de decisão ponderada, tal como refere este participante:

“[...] eu acho que é importante as pessoas fazerem as coisas com calma, nem demasiado cedo nem demasiado tarde, no momento certo, com as pessoas certas e pensarem sobre as questões. Mas também não quero dizer deixar de fazer as coisas, de ter medo de se assumir. Acho que é importante as pessoas avaliarem as situações. [...] ... é importante que cada pessoa avalie a sua situação e consoante isso que aja. [...]” (Ivo)

Finalmente um último aspeto que consideramos pertinente sublinhar diz respeito às limitações que a adoção de um determinado título para definir a identidade sexual implica. Ou seja, a utilização de um determinado rótulo para descrever a identidade sexual, no momento da revelação, restringe a diversidade e fluidez da própria identidade, como expressa este testemunho:

“[...] Deixo uma questão: “- Eu que sempre me considerei homossexual, se descobrir que gosto de raparigas, também posso sair do armário?” (Tiago)

Desta forma, se existem pessoas sãs que podem obter vantagens da adoção da identidade homossexual e consideram essa autoidentificação como essencial, existem também outras pessoas sãs que, mesmo aceitando a sua sexualidade, optam por recusar este rótulo e não identificar-se sexualmente. As razões para isto podem ser porque creem que a sua sexualidade é mais fluida do que permitem os modelos de identidade

sexual, ou porque não se identificam com as características atribuídas ao estereótipo homossexual ou porque opõem-se à ideia de que se “encaixote” a sua sexualidade, como descreve Savin-Williams (2009). Para eles a simples criação de categorias sexuais materializa os rótulos no tempo e no espaço e exagera umas diferenças que não existem. Deste modo, a sua sexualidade será somente mais uma faceta de um sistema interativo que compõe as suas vidas.

Por esta razão, devemos, enquanto investigadores e profissionais de saúde, da forma que descrevia Diamond (2000), deixar de lado as trajetórias evolutivas preconcebidas, pois que um adolescente que se sinta atraído por pessoas do mesmo sexo não tem de ser sempre consciente e de forma contínua desses desejos, nem a atração sexual que sente tem de ser exclusivamente para pessoas do mesmo sexo. Devemos, portanto, desenvolver a atitude de aceitação da diversidade e procurar celebrar a diferença. Pois se o amor não discrimina pela orientação sexual nem pela pessoa de quem se enamora, porque devemos nós discriminar?

5. Conclusões:

Se por um lado este estudo tem limitações, existem também conclusões importantes a retirar, bem como implicações para investigações futuras e para a prática clínica.

No que concerne às limitações deste estudo, destacam-se as dificuldades no acesso aos participantes, em particular aos entrevistados do grupo que não fez *coming out* à figura paterna. Estas dificuldades relacionam-se com os obstáculos que frequentemente se encontram ao realizar investigações na área da sexualidade e, ainda mais, na orientação sexual. Deste modo, torna-se clara a centralização do grupo de participantes que não fez *coming out* na região norte de Portugal, reduzindo, assim, os dados encontrados.

Uma outra limitação diz respeito à pouca exploração dada no nosso estudo ao envolvimento associativo dos participantes. Assim, muitos entrevistados revelaram ter só algum tempo de participação associativa ou não a terem de todo, pelo que seria importante perceber melhor que diferenças atribuem aos tempos de envolvimento para compreender a influência que essas diferenças poderiam ter na sua identidade sexual. Isto poderia ser colmatado em investigações futuras com um maior aprofundamento do

significado atribuído às atividades e a este tempo de envolvimento associativo no prolongamento do estudo de Carneiro (2009).

Apesar de termos explorado no nosso estudo o papel dos/as amigos/as para os nossos participantes, a nossa avaliação não nos permitiu distinguir os/as amigos/as heterossexuais dos/as amigos/as homossexuais, pois não foi dirigida para essa diferenciação. Todavia, tendo em conta que os/as amigos/as homossexuais têm sido referidos como especialmente relevantes na facilitação da integração da identidade homossexual (Carneiro, 2009), seria pertinente investigar futuramente o impacto destas amizades homossexuais. Ainda na avaliação do suporte social percebido em relação aos/às amigos/as seria oportuno em futuros estudos perceber a direção desta associação, ou seja, se a pessoa percebe os amigos/as como menos suportivos/as porque se começa a saber não-heterossexual e/ou se é porque a pessoa se começa a saber não-heterossexual que percebe menos suporte dos/as amigos/as.

De igual modo, apesar de termos abordado o conceito de “famílias alternativas”, este não foi explorado exaustivamente durante a avaliação do suporte percebido pelos participantes, pelo que seria pertinente investiga-lo futuramente, nomeadamente se o conceito faz sentido para os indivíduos e de que modo eles o valorizam por oposição à família de origem.

As principais conclusões já foram analisadas ao longo da apresentação dos resultados, mas serão agora recuperadas de forma resumida. De um modo geral, os dados da literatura foram corroborados no que concerne às dificuldades no processo de *coming out* associadas a uma discriminação em benefício da heteronormatividade. Todavia, destacam-se as reações positivas de diferentes figuras paternas aquando do *coming out*, contrárias ao que era esperado. Salienta-se, assim, a importância das figuras externas, que os participantes consideram família e que desempenham um papel de mediadores neste processo de negociação da orientação sexual com o pai.

Relativamente às implicações para a prática clínica dos resultados do nosso estudo, estas foram sugeridas ao longo da discussão dos resultados. Por esta razão, apenas se revêm aqui as mais salientes. Assim, quanto aos fatores condicionadores do *coming out* identificados no bloco de temas da experiência biográfica dos sujeitos, sublinha-se o interesse que tem, na prática da psicologia, uma identificação exata destas crenças familiares, do nível de informação e dos recursos de apoio dos pais e filhos, de forma a desconstruir mitos e fornecer um melhor suporte terapêutico, pela gestão adequada das expectativas destas famílias (e.g., Carneiro, 2009; LaSala 2000). Do

mesmo modo, como vimos na revisão da literatura (e.g., Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2001) o desenvolvimento psicológico do sujeito que faz *coming out* decorre lado a lado com o desenvolvimento psicológico das pessoas que lhe são significativas. Assim, destaca-se a importância das várias pessoas externas que, pela significância ou proximidade do sujeito que faz *coming out* ou dos seus familiares, possam servir de mediadoras neste processo de revelação e aceitação, tanto do sujeito como dos seus familiares. Por esta razão, torna-se importante a integração destes agentes mediadores na consulta psicológica (e.g., Carneiro, 2009; LaSala 2000; Pérez-Sancho, 2005). Neste contexto psicoterapêutico, é também importante dar atenção a possíveis situações de dissonância, reveladas nos dados relativos ao tema -“pequeno segredo”, e a possíveis “famílias alternativas” que os indivíduos possam ter, bem como o significado que lhes atribuem (e.g., Pérez-Sancho, 2005). Finalmente, sublinha-se também a necessidade da mudança do foco psicoterapêutico somente no processo de *coming out* para uma observação da qualidade das relações familiares anteriores ao *coming out*, uma vez que é a qualidade destes afetos que determina este mesmo *coming out* (e.g., Frazão & Rosário, 2008; Pérez-Sancho, 2005).

Relativamente a algumas implicações para a investigação futura, seria também importante avaliar, por comparação, este processo de negociação da orientação sexual na população lésbica, uma vez que a literatura identifica diferenças de género na construção da identidade sexual. Do mesmo modo, não existe qualquer investigação em Portugal sobre esta negociação da orientação sexual com os pais incidindo somente na população bissexual, o que representa uma lacuna necessitada de superação urgente.

Referências

- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Legis Jason Aronson.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*, p.77-101.
- Carneiro, N. (2009). “Homossexualidades”- *uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. (Coleção Livpsic – Psicologia). Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Carneiro, N., & Menezes, I. (2006). La construcion de l'identité des jeunes homosexuels au Portugal. *L'orientation scolaire et professionnelle, 35* (2), p.1-21
- Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: a theoretical model. *Journal of Homosexuality, 4*, p.219-235.
- Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Issues affecting lesbian, gay, bisexual and transgender youth*. New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.
- Clarke, V., Ellis, S., Peel, E., & Riggs, D. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming out process. *Homosexuality and Psychotherapy, 7* (2-3), p.31-43.
- Costa, C. G., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 211-241). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Costa, C. G., Pereira, M., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 93-147). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- D'Augelli, A. R. (2003). Coming out in community psychology: personal narrative and disciplinary change. *American Journal of Community Psychology, 31* (3-4), p.343-354.
- D'Augelli, A. R., & Hershberger, S. L. (1993). Lesbian, gay, and bisexual youth in community settings: Personal challenges and mental health problems. *American Journal of Community Psychology, 21*, p.421-448.

- D'Augelli, A. R., Hershberger, S. L., & Pilkington, B. A. (1998). Lesbian, gay, and bisexual youth and their families: disclosure of sexual orientation and its consequences. *American Journal of Orthopsychiatric*, 68 (3), p.361-371.
- Diamond, L. (2000). Sexual identity, attractions, and behavior among young sexual-minority women over a 2-year period. *Developmental Psychology*, 36 (2), p.241-250.
- Fereday, J., & Muir-Cochrane, E. (2006). Demonstrating rigor using thematic analysis: a hybrid approach of inductive and deductive coding and theme development. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(1), p.1-11
- Fielden, A. L., Sillence, E., & Little, L. (2011). Children`s understandings`of obesity, a thematic analysis. *International Journal of Qualitative Studies on Health & Well-Being*, 6, p.1-14.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (26), p.25-45.
- Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57 (5), p.681-693.
- Grov, C., Bimbi, D. S., Nanín, J., & Parsons, J. (2006). Race, ethnicity, gender, and generational factors associated with the coming-out process among gay, lesbian and bissexual individuals. *The Journal of Sex Research*, 43 (2), p.115-121.
- King, L. A., & Noelle, S. S. (2005). Happy, mature, and gay: Intimacy, power, and difficult times in coming out stories. *Journal of Research in Personality*, 39, p.278-298. Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/58668086/Happy-mature-and-gay-Intimacy-power-and-difficult-times-in-coming-out-stories>
- Kitzinger, C., & Wilkinson, S. (1995). Transitions from heterosexuality to lesbianism: the discursive production of lesbian identities. *Developmental Psychology*, 31 (1), p.95-104.
- Lack, S., Noddings, R. & Hewlett, S. (2011). Men´s experiences of rheumatoid arthritis: an inductive thematic analysis. *Musculoskelet Care* 9. p.102-112.
- LaSala, M. C. (2000). Lesbian, gay men, and their parents: family therapy for the coming out crisis. *Family Process*, 39, p.67-81.
- Malik, S. H., & Coulson, N. (2008). The male experience of infertility: a thematic analysis of an online infertility support group bulletin board. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26(1), p.18-30

- Martin, H. P. (1991). The coming out process for homosexual. *Hospital and Community Psychiatry*, 42 (2), p.158-162.
- McCarn, S. R., & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning sexual minority identity formation: A new model of lesbian identity and its implications. *The Counseling Psychologist*, 24, p.508-534.
- Morin, S. (1977). Heterosexual bias in psychological research on lesbianism and male homosexuality. *American Psychologist* (August), p.629-637.
- Nogueira, C. (2001a). Construcionismo social, discurso e género. *Psicologia*, 15 (1), p.43-65.
- Nogueira, C. (2001b). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género. *Cadernos de Pesquisa*, 112, p.137-153.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação sexual e identidade de género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 19-44). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa, C. G., & Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 149-210). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oliveira, A. (2012). *Amor Parental (In) Condicional: Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior da Maia, Maia, Portugal.
- Pachankis, J. P., & Goldfried, M. R. (2004). Clinical issues in working with lesbian, gay, and bisexual clients. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41 (3), p.227-246.
- Pereira, H., & Leal, I. (2005). A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*, 23 (3), p.315-322
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: secreto de família: El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.
- Pietrantonio, L. (1998). La crisi familiare alla conoscenza dell'omosessualità del figlio. *Ecologia Della Mente*, 21 (1), p.11-19.

- Plummer, K. (1996). Symbolic Interactionism and the Forms of Homosexuality. In S. Seidman (Ed.), *Queer theory/sociology*, (p. 64-82). Oxford: Blackwell Publishers.
- Rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes (2012). *Manual de Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT*. (4ªed.), Lisboa: rede ex aequo.
- Ritter, K. Y., & Tendrup, A. I. (2002). *Handbook of affirmative psychotherapy with lesbians and gay men*. New York: Guilford Press.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2011). Different patterns of sexual identity development over time: implications for the psychological adjustment of lesbian, gay and bisexual youths. *Journal of Sex Research*, 48 (1), p.3-15.
- Roseneil, S. (2006). Viver e amar para lá da heteronorma: uma análise queer das relações pessoais no século XXI. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, p.33-51.
- Rossi, N. E., (2010). “Coming out” stories of gay and lesbian young adults. *Journal of Homosexuality*, 57, p.1174-1191
- Saltzburg, S. (2004). Learning that an adolescent child is gay or lesbian: the parent experience. *Social Work*, 49 (1), p.109-118.
- Santos, A. C., & Fontes, F. (2001). O Estado português e os desafios da (homo)sexualidade. *Revista Critica de Ciências Sociais*, 59, p.173-194.
- Savin-Williams, R. C. (2001). *“Mom, dad. I’m gay.”: How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R. C. (2006). Who’s gay? Does it matter?. *Current Directions in Psychological Science*, 15 (1), p.40-44.
- Savin-Williams, R. C. (2009). *La nueva adolescencia homosexual*. Madrid: Ediciones Morata, S. L. y Fundación Paideia Galiza.
- Savin-Williams, R. C., & Ream, G. L. (2003). Sex variation in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology*, 17 (3), p.429-438.
- Silver, J., Reavey, P., & Fineberg, N. A. (2010). How do people with body dysmorphic disorder view themselves? A thematic analysis. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, 14, p.190-197.
- Sophie, J. (1986). A critical examination of stage theories of lesbian identity development. *Journal of Homosexuality*, 12 (2), p.39-51.

- Sophie, J. (1987). Internalized homophobia and lesbian identity. *Journal of Homosexuality*, 14, p.53–66.
- Thomas, S. R., & Larrabe, T. G. (2002). Gay, lesbian, bisexual, and questioning youth. In J. Sandoval (Ed.), *Handbook of crisis counseling, intervention, and prevention in the schools*, (2nd ed) (p. 301-322). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Tierney, S., Fox, J. R., & Fox, E. (2010). Living with the “anorexic voice”: a thematic analysis. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 83, p.243-254
- Venâncio, J. C. (2010). *Homofobia e Consequência da (não) Assumpção da Homossexualidade: Um Estudo Sobre a Visão LGBT*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciência do Porto, Porto, Portugal.
- Weston, K. (1991). *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press.
- Yarhouse, M. A. (1998). When families present with concerns about an adolescent’s experience of same-sex attraction. *The American Journal of Family Therapy*, 26, p.321-330.

Apêndice 1

Guião de entrevista para os sujeitos que fizeram *coming-out* à figura paterna

Dados Biográficos:

1-Nickname:

2- Idade:

3-Quantos irmãos/ãs tens? 4-Que idades têm?

5-Com quem vives atualmente? 6- Viveste sempre com as mesmas pessoas? (se não disser complementar com a seguinte) 7- Quais foram as principais mudanças e, se te sentires à vontade para falar nisso, quais as razões para terem mudado as pessoas com quem viveste ao longo da tua vida?

8- Qual é o teu distrito? 9- Dirias que a tua residência está numa localidade mais urbana ou mais rural?

10- Tens pai e mãe? 11- Que idade tem o teu pai? 12- E a tua mãe?

13- Qual é a profissão do teu pai? 14- E da tua mãe?

15 – Os teus pais são pessoas religiosas? (se sim) Que religião têm e de que forma a seguem? (se não) O que os leva a não terem uma religião?

16- E no teu caso: és religioso? (se sim) De que forma segues? (se não) Quais as razões para não seres religioso?

17- Sentes que a decisão de ser ou não religioso é mais autónoma ou mais influenciada por outras pessoas?

18- Dirias que os rendimentos do teu agregado familiar são baixos, médios, altos...?

19- Como te definirias em relação à tua orientação sexual?

*20- O que é para ti a rede ex-aequo? 21- Há quanto tempo estás envolvido na associação? 22- E quais as principais actividades/ formas de envolvimento?

*23- Com a passagem pela rede ex-aequo, a definição da tua orientação sexual alterou-se? (se sim) De que modo? (se não) Porquê, na tua opinião?

Itens correspondentes às questões de investigação:

24- Alguém sabe a tua orientação sexual? (se não disser perguntar-lhe quem sabe)

25- Foste tu que lhes contaste?

26- No que diz respeito à tua família, quem sabe da tua orientação sexual?

27- Era importante que me falasses sobre como as coisas foram acontecendo com estas diferentes pessoas, que disseste que sabem. (se necessário explicitar com a seguinte)

28- Aconteceu num momento específico, numa data que tu te lembres ou foi acontecendo?

29- Como reagiram as diferentes pessoas à medida que foram sabendo? **30-** Notaste algum tipo de diferença na reação das pessoas à medida que foram sabendo? (se só afirmar pedir para explicar de que modo sentiu que foram diferentes)

31- De que forma esperavas que reagissem?

32- São muitas as razões que levam as pessoas a revelar a sua orientação sexual, no teu caso o que te levou a fazê-lo? (caso as pessoas tenham sabido mas não tenha sido ele não perguntar)

33- À medida que foram sabendo, sentiste algum tipo de mudança no teu grupo de amigos? (pedir para explicar) **34-** Na tua família alguma coisa mudou entre vocês? (pedir para explicar)

35- Em particular com o teu pai, houve alguma alteração? (usar a seguinte para explicar) No caso do teu pai consegues identificar as razões pessoais e sociais que estão relacionadas com:

(i) o facto de ele saber da tua orientação sexual? (ii) as dificuldades que sentes/ que sentiste por ter/não ter havido um conhecimento dele da tua orientação sexual?, (iii) o processo que ele fez/não consegue fazer em relação á tua orientação sexual?

36- Gostava de saber, como te vês como pessoa? **37-** Na tua opinião, qual a influência do teu pai nessa visão?

38- Para ti, o que é que podemos entender como “sair do armário” ou, em inglês, “coming out of the closet”? **39-** Consideras o coming-out (a revelação ou saída do armário) importante? **40-** Porquê?

Avaliação da Experiência de Entrevista:

41- Por último, gostava que me disseses se tens mais coisas para dizer, estando à vontade para me falares de tudo o que aches que enriquece a tua entrevista.

42- E era também importante saber como te sentiste ao longo desta entrevista? O que é que foi esta experiência de entrevista para ti?

*No caso dos sujeitos não recrutados através da rede ex-aequo optar por perguntar:

20- Já tiveste contato com alguma associação de proteção dos direitos LGBT? (se sim)

21- Há quanto tempo estás envolvido nessa associação? **22-** E quais as principais atividades/ formas de envolvimento?

23- Se contatasses achas que a definição da tua orientação sexual poderia sofrer algum tipo de alteração? (se sim) De que modo? (se não) Porquê, na tua opinião?

Apêndice 2

Guião de entrevista para os sujeitos que não fizeram *coming-out* à figura paterna

Dados Biográficos:

1-Nickname:

2- Idade:

3-Quantos irmãos/ãs tens? 4-Que idades têm?

5-Com quem vives atualmente? 6- Viveste sempre com as mesmas pessoas? (se não disser complementar com a seguinte) 7- Quais foram as principais mudanças e, se te sentires à vontade para falar nisso, quais as razões para terem mudado as pessoas com quem viveste ao longo da tua vida?

8- Qual é o teu distrito? 9- Dirias que a tua residência está numa localidade mais urbana ou mais rural?

10- Tens pai e mãe? 11- Que idade tem o teu pai? 12- E a tua mãe?

13- Qual é a profissão do teu pai? 14- E da tua mãe?

15 – Os teus pais são pessoas religiosas? (se sim) Que religião têm e de que forma a seguem? (se não) O que os leva a não terem uma religião?

16- E no teu caso: és religioso? (se sim) De que forma segues? (se não) Quais as razões para não seres religioso?

17- Sentes que a decisão de ser ou não religioso é mais autónoma ou mais influenciada por outras pessoas?

18- Dirias que os rendimentos do teu agregado familiar são baixos, médios, altos...?

19- Como te definirias em relação à tua orientação sexual?

*20- O que é para ti a rede ex-aequo? 21- Há quanto tempo estás envolvido na associação? 22- E quais as principais actividades/ formas de envolvimento?

*23- Com a passagem pela rede ex-aequo, a definição da tua orientação sexual alterou-se? (se sim) De que modo? (se não) Porquê, na tua opinião?

Itens correspondentes às questões de investigação:

24- Alguém sabe a tua orientação sexual? (se não disser perguntar-lhe quem sabe)

25- Foste tu que lhes contaste?

26- Achas que, se um dia contasses ao teu pai ou à tua família, fá-lo-ias num único momento ou por etapas? 27-Porquê?

- 28-** Se contasses achas que as pessoas reagiriam todas da mesma forma? **29-** Em que é que poderiam ser diferentes nas reações? (se não referir os amigos questionar também)
- 30-** Após teres revelado, o que achas que mudaria na tua família? **31-** Em relação às outras pessoas achas que haveria alguma mudança e/ou seriam diferentes da tua família?
- 32-** No caso particular do teu pai, como achas que ele iria evoluir na reação? No caso do teu pai consegues identificar as razões pessoais e sociais que estão relacionadas com: (i) a tua dificuldade em revelar-lhe?
- 33-** Gostava de saber, como te vês como pessoa? **34-** Na tua opinião, qual a influência do teu pai nessa visão?
- 35-** Para ti, o que é que podemos entender como “sair do armário” ou, em inglês, “coming out of the closet”? **36-** Consideras o coming-out (a revelação ou saída do armário) importante? **37-** Porquê?

Avaliação da Experiência de Entrevista:

- 38-** Por último, gostava que me disseses se tens mais coisas para dizer, estando à vontade para me falares de tudo o que aches que enriquece a tua entrevista.
- 39-** E era também importante saber como te sentiste ao longo desta entrevista? O que é que foi esta experiência de entrevista para ti?

*No caso dos sujeitos não recrutados através da rede ex-aequo optar por perguntar:

- 20-** Já tiveste contato com alguma associação de proteção dos direitos LGBT? (se sim)
- 21-** Há quanto tempo estás envolvido nessa associação? **22-** E quais as principais atividades/ formas de envolvimento?
- 23-** Se contatasses achas que a definição da tua orientação sexual poderia sofrer algum tipo de alteração? (se sim) De que modo? (se não) Porquê, na tua opinião?

Apêndice 3



Campus de Gualtar
Universidade Minho
4710-057 Braga
Portugal

Escola de Psicologia

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA ACEITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO

No âmbito da tese de investigação do Mestrado em Psicologia Clínica (Universidade do Minho), sob orientação do Professor Doutor. Nuno Santos Carneiro, venho por este meio declarar que aceitei participar neste estudo sobre as perceções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai – implicações para a construção psicológica de identidades sexuais não normativas.

Neste sentido, tomei conhecimento dos objectivos do estudo(*). De igual modo, fui informado acerca do facto dos dados recolhidos serem **anónimos e confidenciais**. As minhas informações que fazem parte da minha colaboração na entrevista realizada serão **APENAS** utilizadas para fins de investigação, sendo tratadas **APENAS** pelo entrevistador e sendo após a codificação **destruídas**, para **preservação total do anonimato** da minha identidade pessoal, assim como da identidade de todos os participantes neste estudo.

Assinatura do participante:

(*) OBJECTIVOS GERAIS DO ESTUDO

Este estudo, para o qual pedimos a sua colaboração, através de uma entrevista semi-estruturada, pretende obter:

- uma descrição dos processos individuais de *coming out*;

- uma análise comparativa sobre as relações pessoais mais amplas (estabelecidas com a família, os/as amigos e/ ou outras pessoas) relacionadas com o facto de ter sido ou não feito o *coming out* das orientações sexuais por parte dos sujeitos deste estudo.

Com as informações recolhidas, será feita, em seguida, uma análise das mesmas para melhor compreender o funcionamento destes aspetos.

Os investigadores comprometem-se a ceder aos praticantes qualquer trabalho escrito que venha a resultar desta investigação, pelo que agradecemos, se estiver interessado, a cedência de um contacto para este efeito. Em caso afirmativo, identificar o contacto preferencial (e-mail/ telemóvel/ outro): _____

Agradecemos, desde já, a sua disponibilidade e contribuição. A sua participação é fundamental para a realização deste estudo.

MUITO OBRIGADO!

Respeitosamente,

O aluno Bruno Xavier

Assinatura do participante:

Apêndice 4

Tabela 2.¹⁰ *Correspondência das Questões de Investigação com os Itens do Guião de Entrevista*

Questões de Investigação	Itens para os sujeitos que fizeram <i>coming out</i>^a	Itens para os sujeitos que não fizeram <i>coming out</i>^a
Qi1	26, 31, 34	24, 25
Qi2	24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32
Qi3	20, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33	20, 23, 24, 25, 28, 29, 31
Qi4	32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40	32, 33, 34, 35, 36, 37

^a os itens do guião de entrevista para os sujeitos que fizeram *coming out* e do guião para os sujeitos que não fizeram *coming out* podem ser consultados no Apêndice 1 e Apêndice 2, respetivamente

¹⁰ Alguns dos itens dos guiões servem os propósitos de diferentes questões de investigação, a saber: os itens 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 33 no guião para os sujeitos que fizeram *coming out* à figura paterna e os itens 24, 25, 28, 29, 31 e 32 no guião para os sujeitos que não fizeram *coming out* à figura paterna.

Apêndice 5

Tabela 3. *Dados Descritivos dos Participantes*¹¹

¹¹ No sentido da disponibilização desta tese online procurando manter o anonimato dos participantes, optamos por ocultar a tabela descrita dos participantes do estudo. Para uma consulta pormenorizada desta, sugerimos que se contatem os autores através do pedido desse mesmo contato na associação responsável pelo site onde o documento é partilhado.

Apêndice 6

Tabela 4. *Experiência Associativa dos Participantes*

Nome fictício	Participação associativa na rede ex-aequo	Tempo de envolvimento com a rede ex-aequo
Martin	sim	1 ano e meio
Ivo	sim	1 ano e 4 meses
Francisco	sim	3 anos
Rodrigo	sim	4 anos
Tiago	sim	1 ano e meio
Camões	não	-
José	não	-
Hugo	não	-